

Missão La Salle Moçambique Kanimambo - Obrigado



Mais:

- **A sustentabilidade da Humanidade e do Planeta- Somos filhos do Sol e da Mãe-Terra.**
- **Antigos Alunos de Abrantes, 50 anos de persistência lassalista depois da saída de Irmãos em 1975.**
- **Lassalistas empreendedores – Entrevistas com Irmão Joel, José Tavares, Leal Neto.**
- **Cipriano Alves – A arte que vem de dentro de si.**
- **Abraços fraternos em Valladolid e Bujedo.**
- **Ceia solidária, um “SOPRO” natalício.**
- **Um empenhamento lassalista com a Liga Portuguesa Contra o Cancro.**
- **A alma enorme de Irmãos Lassalistas e Maristas no Líbano em guerra.**

NOTA DE ABERTURA

José Carlos Ferreira - Presidente.



“Começo a conhecer-me. Não existo.

Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram, Ou metade desse intervalo, porque também há vida...”

Álvaro de Campos

E que vida aquela que o Colégio La Salle promoveu na cidade de Abrantes e concelhos limítrofes nos idos anos de 1959 a 1975.

Na nota que a Associação publicou, pela ocasião da inauguração da Praceta São João Batista de La Salle, em junho de 2018, podemos consultar o Blog Coisas Abrantinas onde o seu autor, José Veiga, dizia: “Possui o La Salle – campo de futebol, basquetebol, ringue de patinagem, piscina de 33m30 metros de competição, ginásio, cineteatro, salas de estudo, um laboratório moderníssimo, capela e igreja. Teatro, tuna, poesia, conjunto musical, era pois uma escola moderna empenhada na formação integral do aluno.”

Também neste sentido foi escrito que “Podemos concluir que não foi pelo tempo em que os Irmãos de La Salle dirigiram aquele Colégio que a distinção lhes é atribuída pelo Município e Povo de Abrantes, mas pelo muito que fizeram em passagem tão curta.

Valores Humanistas, Ensino, Educação e Formação são marcas que podemos ainda hoje encontrar em cada Aluno de La Salle que por lá passou nos idos anos 60 e 70.”

Com esta introdução pretende-se assinalar os 50 anos sobre o encerramento da atividade do Colégio La Salle de Abrantes, sendo também propósito da Associação de Antigos Alunos vincar tal efeméride no Encontro a realizar no próximo dia 10 de Maio naquela localidade.

Assim é a história, feita de avanços e recuos, por vezes, mais recuos que avanços.

No entanto, e para que a memória perdure, temos O Boletim que, na medida do possível, nos vai disponibilizando pequenas pinceladas desta enorme tela que é o universo La Salle.

Arcas Reales, Bujedo, Libano, Moçambique, Barcelos... são pequenos mosaicos que dão cor e brilho à intensa e comprometida missão dos Irmãos

e que aqui vamos retratar. Também a SOPRO continua a desencantar “pequenos gestos” que em muito enobrecem o espírito interventivo e inconformado que o seu fundador, Ir Manuel, nos transmitiu.

Ainda dentro deste espírito de compromisso, a Ceia de Natal Solidário promovida pela Associação, além da partilha fraterna aí vivida, permitiu angariar cerca de 2 000€ que foram entregues à SOPRO. A esta iniciativa, outra se seguiu e num encontro de um grupo de amigos mais cerca de 430€ foram obtidos e também encaminhados para a nossa ONG. Pequenos gestos podem, de facto, ajudar a mudar pequenos mundos.

Cabe ainda nesta nota o reconhecimento e gratidão a todos que de si muito têm dado para que este Boletim possa acontecer em cada seis meses. Também àqueles AA que sempre estão disponíveis para colaborar de forma generosa com as iniciativas da Associação, uma palavra de agradecimento.

“Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram”

A todos, um abraço amigo!

José Carlos Ferreira.

Pagamento de Quotas:

Agradecemos aos associados a liquidação da quota anual de 12 euros para : NIB: PT50: 0018 2122 0338 0447 0209 5.. Observações: 1ª-Só com email a informar da transferência bancária se poderá remeter recibo e agradecimentos. Email: «geral@aaalasalle.org.pt». Agradecimentos.

Como apoiar o Projecto Baká:

(povo pigmeu dos Centros La Salle)
NIB: PT50: 0018 2122 0338 0447 0209 5.
Observações: 1ª-Só com email a informar da transferência bancária se poderá remeter recibo e agradecimentos. Email: «geral@aaalasalle.org.pt».

Como apoiar a ONG lassalista SOPRO em terras de Moçambique por transferência bancária:
NIB: PT50 0036 0096 9910 0095 1894 5

A sustentabilidade. A Agenda 2030

Somos filhos do Sol e da Mãe-Terra

Por Carlos Borrego



- A sustentabilidade - 2015 a 2030.
- A marcha para a contemporaneidade e modernidade.
- A intervenção do ántropos (antropoceno), do homem, no aquecimento do planeta.
- Os objectivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).
- A subida do nível do mar - Projecções de novos mapas territoriais.

1º Capítulo: As Mudanças do pós-guerra (1939-1945). As Metamorfoses.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
 Todo o mundo é composto de mudança...
 Tomando sempre novas qualidades
 Luís Vaz de Camões

Dos movimentos de insurreição das juventudes e a marcha para avanços civilizacionais e para a sustentabilidade do planeta e da humanidade.

A primeira etapa temporal que se seguiu à 2ª Guerra Mundial ficou marcada por feridas e traumas que permaneceram no inconsciente dos povos por muito tempo. O desejo de paz, a gestão de conflitos e a angariação de meios de subsistência passou a ser o fulcro premente e imediato da atividade humana.

E a constituição da ONU como cúpula das nações apareceu com lógica evidente. A soberania dos Estados a salvaguardar pela ONU salvaguardaria também as culturas regionais, a par da tomada de decisões de carácter global para a paz e para o desenvolvimento. Essa vocação perdura até aos dias de hoje, com insucessos, mas com muitos períodos de paz.

Entre as suas primeiras decisões destaca-se a aceitação do Estado de Israel e a divisão da Palestina em dois Estados, numa tentativa de solução do problema das ocupações territoriais de dois povos irreconciliáveis. Um projecto inacabado. *Usque tandem...*, diriam os latinos.

Mas as resoluções das suas agências em missões especiais, como a cultura e património, os programas contra a fome e pobreza, o apoio às crianças, o acompanhamento e protecção de imigrantes, os esforços para a preservação do clima e biodiversidade, a saúde pública, a presença

militar dos capacetes azuis em zonas tampão de territórios em guerra e os programas e metas de sustentabilidade são considerados genericamente como intervenções credíveis.

E sob o ponto de vista da reconstrução política da Europa as nações organizaram-se em democracias liberais ou em ditaduras fascizantes ou nas formas de subjugação/ protectorado na órbita da URSS. Mas a pressão das consciências e o darwinismo cultural da humanidade ditaram que as tiranias não seriam eternas.

E as sequelas traumáticas do pós-guerra tomam assento também na filosofia da época: O existencialismo.

O existencialismo sedimentou em si toda a *angústia* e a *náusea* da dúvida, da depressão e da perplexidade da condição humana. E a marca da negação da divindade agravou e aprofundou a orfandade espiritual. Procurava-se uma nova transcendência, uma nova salvação para a condição humana, para a finitude. Era a época de Jean Paul Sartre, de Simone de Beauvoir, de Heidegger, a par dos existencialistas cristãos como o francês Gabriel Marcel, o dinamarquês Kierkegaard e do espanhol Miguel de Unamuno, (de uma geração anterior). E será impossível esquecer-

nos dos escritores sucedâneos como Albert Camus, Virgílio Ferreira, Ferreira de Castro, Fernando Namora ou do *desassossego* dos leitores de Fernando Pessoa. E aquela plêiada de pensadores também inspirou cineastas coevos do mesmo tempo da *angoisse* e da *la nausée*, como Jean Luc Godard ou François Truffaut e os seguidores da *Novelle Vague* ou os leitores dos *Cahiers du Cinéma*.



Tradução: O homem está condenado a ser livre; porque, quando é deitado ao mundo, ele é responsável por tudo o que faz



Simone de Beauvoir

Numa 2ª etapa poderemos considerar a reorganização da economia e do tecido empresarial a par do fortalecimento da bipolarização política mundial.

E na sucessão dos dias e dos anos e passada a primeira década e meia do pós-guerra, a aspiração a uma nova prosperidade exigia a reconstrução das economias. Criaram-se novos modelos de desenvolvimento industrial, abriram-se perspectivas comerciais competitivas, organizaram-se blocos

regionais de interesse, como o Mercado Comum Europeu. O mundo laboral foi consolidando o papel fundamental do trabalho e dos seus direitos, como salário mínimo ou o direito à greve e à concertação social nas nações mais avançadas. E o capitalismo liberal também alargou raízes. Entrava-se nas décadas de 60 e de 70.

Na vertente de política global destas duas décadas é de destacar o reforço da bipolarização do mundo em dois blocos antagónicos, de cariz ideológico e de expansão territorial ou de tutela: Foi a Guerra Fria, protagonizada pelos Estados Unidos da América /EUA) e pela União Soviética (URSS). Durou 44 anos, de 1947 até 1991. A acabou com a decadência interna da URSS e com a intervenção lúcida de Mikhail Gorbachev. O medo mútuo de uma nova guerra e da repetição do inferno do bombardeamento atómico ou nuclear foi travão eficaz para evitar um conflito infernal. Mas as disputas bilaterais estenderam-se aos desenvolvimentos tecnológicos e científicos, bem como à conquista dos espaços siderais, como as navegações à Lua (21 de Julho 1969). Houve ameaças de confrontos directos, mas sem chegar a vias de facto. Envolveram-se, sim, em apoio a conflitos regionais. Do lado ocidental foi criada a NATO e na Oriental o Pacto de Varsóvia.

Neste contexto os EUA embalaram-se na expansão tutelar do sudeste asiático, nomeadamente no Vietnam, que arrastou graves sequelas internas e externas. Como veremos a seguir.

Numa terceira etapa do percurso pós-guerra verificou-se uma assinalável expansão económica. Foi alcançada, sobretudo, nos países ocidentais. Mas a dilatação das ambições financeiras do mundo empresarial e dos governos das nações desencadearam manifestações massivas de repúdio por parte das *várias esquerdas*, em geral, e das juventudes académicas. Apareceram também movimentos de desprezo e desdém pela aparelhagem economicista e capitalista, protagonizados por um novo movimento semi-anárquico, mas de grande impacto: **O movimento dos hippies**, de que falaremos adiante, em caixa.

Estas esquerdas, no sentido lato do termo, protagonizaram o arranque de combate ao *status quo*, combate esse que se prolongaria pelas restantes décadas do século XX, e provocaram desmoronamentos ideológicos, políticos, e quedas de governos.

Maios 68 - Lembremo-nos, brevemente, do que se passou na pátria das revoluções, França, em Maio de 68 (sem esquecer que na China decorria “A

Revolução Cultural” orientada por Mao Zedong-Mao Tsé-Tung).

A detonação da crise aconteceu em Nanterre, nos arredores da capital francesa, tradicionalmente considerada de “feudo esquerdista”. Depois da sua ocupação pelos estudantes a sua Faculdade foi encerrada. Grupos de esquerda, revoltados contra a sociedade de consumo, contra o ensino tradicional e a insuficiência de saídas profissionais decidem opor-se pela “contestação permanente”. Começa então um movimento de força, dirigido pelo franco-alemão Daniel Cohn Bendit. Os estudantes ocupam a Universidade da Sorbonne, que é encerrada pelas autoridades no dia 3 de Maio, com fortes intervenções policiais. Seguiram-se as barricadas de ruas, grandes tumultos, sobretudo no Quartier Latin. As provocações não paravam e as cargas policiais cresciam ao mesmo ritmo. No dia 13 de Maio uma gigantesca manifestação de 600 mil estudantes causou um enorme impacto em toda a França. O conflito estendeu-se para grandes movimentos sindicais e sociais com inúmeras greves. Mais de 10 milhões de trabalhadores paralisaram o país.

O presidente francês, General De Gaulle, super-herói da resistência contra os alemães, foi ultrapassado pelos acontecimentos. E viria a sofrer uma grande derrota política no referendo nacional sobre a regionalização e sobre a reforma do Senado. Demitiu-se e abandonou a vida política. “Nada será como antes de Maio 68”, dizia-se. E assim foi.

Houve, sobretudo, mudanças de mentalidades e de estruturas políticas e sociais nas comunidades francesas e nos países europeus, e pelo mundo fora.

Nota: Daniel Marc Cohn-Bendit é, actualmente, membro do partido ecologista alemão *Die Grünen*, e deputado europeu e co-presidente do grupo parlamentar *Verdes/Aliança Livre Europeia*.



[Daniel Cohn-Bendit : "Dans deux mois, on ne me connaîtra plus"](#)

Mas lembremo-nos também do que foi acontecendo em Portugal:

- Dos movimentos universitários de Coimbra, com a chamada **Crise Académica** (Maio de 69), de Lisboa e do Porto. Muitos de nós fomos testemunhas, e até actores.

- Dos progressistas católicos **do Largo do Rato**.

- Do impacto da carta do Bispo do Porto, Dom António Ferreira Gomes, a Salazar que lhe valeu um exílio de vários anos.

- Do Ideal comunista/marxista e maoísta que percorreu largas camadas da sociedade portuguesa.

- **Das canções de intervenção:** José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Padre Fanhais, Luís Cília, Manuel Freire, José Mário Branco, Fausto e muitos outros.

- **Do 25 de Abril de 1974-** O acontecimento maior

- O fim da Guerra Colonial. A liberdade. A democracia.

Deu-se o regresso à estreita faixa atlântica que nunca nos tinha bastado. E o sentimento de *finis patriae* e a questão existencial de saber se as perdas territoriais permitiriam uma pátria fiável foi dor imensa da alma lusitana, a par do acolhimento de centenas de milhar de retornados.

(Reflecção / Notas do General Manuel Campos Almeida em Fim do Império, “Horizontes e Memória” Nov/2024 - Edições Esgotas).

FECHOU-SE A ÀFRICA E ABRIU-SE A EUROPA. Mas a vocação atlântica e universalista permaneceu.

Lembremo-nos também de outros e acontecimentos e fatores de mudanças no mundo global:

- **Da Revolução Cubana**, iniciada em 1959, que prossegue teimosamente e nos mesmos moldes e sem prosperidade até aos dias de hoje. Nos primeiros anos foi um foco de atracção de um ideal possível. E estendeu a s à questão existencial de saber se as erdas territoriaisua intervenção ideológica e militar para outros territórios. Outras revoluções não seguiram este modelo, e o seu descrédito é hoje evidente.

- **Da exemplaridade de Che Guevara**. A sua aura mítica e até a figura escultural estendeu-se pelo mundo jovem das décadas de 60 e 70 e 80.

- **Da contestação da Guerra do Vietnam** (1955 a 1973) e a saída inglória e humilhante dos EUA, com Lindon Jhonson e Richard Nixon ao leme americano.

- **Do movimento Hippie**, sobre o qual reflectiremos mais adiante. (Ver caixa, na parte final deste artigo)
- **Da independência das colónias europeias.**
- **Da queda do Muro de Berlim (1989).**
- **Da Revolução Cultural da China.**
- **Dos ventos do Norte, oriundos da Suécia de Olof Palme (1969–86).** Com ele acreditou-se que uma democracia avançada e sem radicalismos seria alternativa. E os países europeus tentaram esse caminho.
- Da tendência de implantação do **Estado Social** nos países europeus. “Não há democracia sem Estado Social”.

Numa quarta etapa da actualidade recente: os movimentos algumas direitas.

Saltando muitas outras revoluções, ou acontecimentos ou efemérides ponderemos situar-nos nos tempos actuais. Apesar de muitas contradições as marchas e marcas referenciadas nas etapas anteriores conduziram boa parte da humanidade para democracias diferenciadas em políticas ora socialistas, ora sociais-democratas, ora liberais e populares, ora democratas-cristãos, ora republicanas ora democratas. Nessas diferenças houve um lugar comum de coincidência na aproximação a uma certa contemporaneidade e a um desenvolvimento humano, com algum equilíbrio social. Não esquecemos, naturalmente, os contraditórios desta afirmação quanto à distribuição de riqueza e de bem-estar.

E constata-se na actualidade mais recente que as reacções contra esta ordem de coisas é contestada por *algumas direitas*, e em contraste com os movimentos de esquerda de que falámos nas etapas anteriores.

(Nota: Esta opinião é aventada por José Miguel Júdice, em programa televisivo recente).

O negacionismo dos valores humanistas ou dos de progressos alcançados e reconhecidos genericamente, a secundarização do reconhecimento pleno da igualdade entre os seres humanos, o rebaixamento do Estado Social e a pressão sobre estruturas e partidos políticos levada a cabo por grandes magnatas podem configurar retrocessos civilizacionais.

No contexto destas preocupações é elucidativa também a reflexão do Presidente da CIP, Armindo Monteiro. No JN de 23 de Novembro expõe a sua visão do problema: “O resultado das eleições nos EUA reforçam a ideia de uma nova ordem mundial, em que o isolacionismo prevalece sobre o multipluralismo, o proteccionismo tarifário sobre o comércio livre, as guerras comerciais sobre a cooperação económica”.

Um terramoto

Mas acreditamos nós que o dever da história a caminho do progresso dos cidadãos e das comunidades continuará a sua marcha, por muito demorada que seja.

2º Capítulo - A Sustentabilidade de 2015 a 2030

Os 17 objetivos de salvação

Vimos discorrendo nas páginas anteriores sobre as marchas da humanidade. E as aspirações subjacentes a revoluções e contrarrevoluções ou a culturas e anticulturas tinham, quase sempre, em comum o progresso da humanidade: das pessoas e seus direitos fundamentais, das comunidades e das nações, da liberdade e da paz e o culto da Natureza:

Somos filhos do SOL e da Mãe TERRA.

E hoje é possível aproximarmo-nos de consensos universais que antes seriam impossíveis. E o grande acordo aconteceu na Cimeira de Paris, em 2015, numa cúpula de cooperação entre 190 países.

Esse ano ficará na história como o ano da definição da Agenda 2030, constituída por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A Agenda 2030 é uma agenda alargada e ambiciosa que aborda várias dimensões do desenvolvimento sustentável (sócio/ económico e ambiental) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes. Constitui uma visão comum para a Humanidade, um contrato entre os líderes mundiais e os povos e “uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta”.

Percebemos que todos os 17 objectivos estão interligados. Mas para simplificar uma breve abordagem aos seus conteúdos, poderemos agregá-los em dois grandes grupos.

No 1º grupo poderemos incluir o desenvolvimento geral dos povos e das pessoas. Abrange os primeiros 12 capítulos do programa..

No 2º grupo consideraremos o aquecimento global do planeta e dos efeitos na configuração dos mapas geográficos, na hipóteses provável de não ser alcançado a meta de a subida da temperatura não ultrapassar 1,5 graus centígrados em 2030 na comparação com a era pré-industrial. Representa os objectivos 13º, o 14º e o 15º.

No primeiro grupo, e quanto ao desenvolvimento dos povos:

A percepção global parece indicar que os benefícios e os riscos se fazem sentir de forma desigual.



E os diversos relatórios sucessivos informam-nos que a insegurança alimentar, a fome e a pobreza extrema estão a aumentar. As pandemias e as crises sanitárias agravam-se. E as tecnologias parceiras da Inteligência Artificial, a “IA”, colocam em risco os postos de trabalho. Para a “IA” ainda não logramos estabelecer fronteiras ou linhas vermelhas, o que parece ser também uma tarefa muito difícil.

A prosperidade e a paz estão comprometidos. As decisões dos representantes governamentais não são suficientes.~

Apesar de tudo, o cumprimento dos objetivos situa-se nos 15 por cento. É pouco. Faltam apenas 6 anos. Por isso há que acelerar o ritmo.

“Ainda não estamos sem esperança”, diz o Secretário Geral da ONU, António Guterres.

Fixemo-nos ainda em notícias desmoralizadoras:

- O dia da sobrecarga do planeta (Overshoot Day) ocorreu neste ano de 2024 no dia 1 de Agosto. Assinala o dia em que se esgotam os recursos da capacidade do Planeta convencionado para este ano. A partir daí já estaremos a roer o bolo de 2025. Para combater esta situação há que diminuir a pegada de carbono e o consumo em geral, nomeadamente das carnes bovinas (pela descarga de metano).

- E de acordo com os dados coletados pelo WWF e pela organização Global Footprint Network, divulgados recentemente, serão necessários 2,8 planetas para estender a taxa de consumo de

combustíveis, alimentos, fibras, terra e madeira da UE a todas as pessoas do mundo.

- A produção global aumenta. Mas a pobreza e a fome aumentam também.

“A pobreza é o maior inimigo da liberdade”, dizia Almeida Garrett já nos meados do séc. XIX, *in Portugal na Balança da Europa*).

- A ONU estima que cerca de 735 milhões de pessoas passam fome. (FAO)

- Morre de fome uma pessoa em cada 4 segundos (FAO).

- Calcula-se que em cada ano morre de fome mais de um milhão de crianças por ano. Algumas ONGs falam em 3 milhões. Chamam-lhe “vírus da fome” e atribuem-lhe uma vacina: comida.

- Grandes fortunas mundiais aumentaram em 121% entre 2015 e 2024, diz UBS (o maior fornecedor de serviços bancários e de gestão de patrimónios).

- São 2682 as pessoas com património superior a mil milhões de dólares. Somam um total de mais de 13 biliões de dólares.

E o mundo das crianças? - E o mundo das escolas ?

*Quem tiver dez reis de esperança e de amor...
Cante glosando este tema:
"Em cada criança há um homem puro"*

(Cantava há duas décadas Luiz Goes, em Coimbra, para todos nós)

E como lassalistas que somos no apego aos problemas da educação e do âmbito escolar, detenhamo-nos no objectivo N° 4 , o da educação de qualidade. Vejamos alguns números:

- Mais de um milhão de crianças morre de fome em cada ano que passa.

- 250 milhões de crianças estão excluídas do acesso à educação, em todo o mundo.

- 70% das crianças de 10 anos, em países de baixo e médio rendimento, não conseguem entender um simples texto escrito.

- 57% das crianças do mundo não adquiriram níveis básicos de habilidades educacionais.

- Os países da África, em geral, e os do SAEL, especialmente, são os países com mais debilidades escolares.

- E a situação de abandono escolar em alguns deles é a seguinte: Mali, 41 % - Guiné Equatorial, 55%.- Sudão do Sul, 62% - Eritreia, 47%.

(Observação: Dados recolhidos da revista Além Mar, de Setembro deste ano de 2024).

A COP 29 – Baku – Azerbaijão - Novembro de 2024

Os resultados do acordo da COP 29 de Baku, Azerbaijão, de Novembro de 2024, ficaram aquém das expectativas. Mesmo assim os 300 mil milhões de dólares anuais assumidos pelos países mais desenvolvidos a favor dos países ditos pobres se aproximarem da meta da Agenda 2030 situaram-se entre os 250 mil milhões propostos pelos países financiadores e os e os mais de 450 mil milhões exigidos pelos países mais pobres.

O Secretário Executivo da ONU para as mudanças climáticas, Simon Stiell, destacou que a nova meta financeira acordada é uma apólice de seguro para a humanidade. E destacou no discurso de encerramento:

“Este acordo manterá o boom da energia limpa crescendo e protegerá milhões de vidas. Ele ajudará todos os países a partilhar os enormes benefícios da ação climática ousada: mais empregos, crescimento mais forte, energia mais barata e limpa para todos. Mas, como qualquer apólice de seguro, ele só funciona se os prémios forem pagos integralmente e em dia.”

Ele reconheceu que nenhum país conseguiu tudo o que queria, e que o mundo deixa Baku com uma montanha de trabalho a fazer para a COP 30, em Belém, no Brasil.

Notemos que a Arábia Saudita e a China (o maior poluidor do mundo) foram países muito renitentes a esses financiamentos.

E Portugal mostrou-se pouco ambicioso ao participar apenas com 9 milhões de euros.

No 2º grupo-A questão climática- objectivos ODS: 13º, 14º, 15º.

Alarme: Ultrapassamos já a fasquia de temperatura fixada para 2030, de 1,5. Situa-se já neste ano de 2024 em 1,6 ou em 1,7.

A questão climática não é um problema do futuro. É um problema do agora.

Para limitar o aquecimento global em 1,5°Célcus temos 6 anos para reduzir em 55% as emissões de gases de efeito estufa que hoje produzimos, em vez dos 7,5% determinados nacionalmente.

O ponto da situação do aquecimento do planeta, na comparação com a época pré-industrial situa-se, actualmente nos 1,6 ou 1,7°C. Se nada ou pouco se alterar atingiremos os 2,7 ou os 3°C. até 2050, conforme cálculos do “Plano das Nações Unidas para o Ambiente”, PNUMA.

O tempo está correndo muito rápido, diz a Directora do Plano, Inger Andersen. E os efeitos sobre as configurações geográficas serão evidentes, como ilustram os mapas geográficos que apresentaremos mais adiante.

De como a intervenção do “ántropos”, do homem, muda a configuração do planeta a caminho de uma Nova Era Geológica: O ANTRPOCENO:

E o interveniente máximo nesta alteração do planeta é o próprio homem, o “ántropos”, na linguagem grega clássica. A acção do homem no planeta transforma-o e modifica-o. E surge uma nova fronteira na tabela consensual das épocas geológicas, inseridas na era cinezóica: o ANTROPOCENO (*ántropos*, homem, e *kainós*, nova era). O risco da nossas sobrevivências somos nós próprios.

Estas concepções foram desenvolvidas no fantástico prefácio do Relatório das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, 2021, da autoria do seu administrador, Achin Steiner. E o nosso Boletim N° 13 de 3 de Agosto de 2022 apresentou já este desenvolvimento temático.

(ver site aaalasalle.org).

Projeções de mapas geográficos:

O Programa de Aumento do Nível do Mar da Climate Central permite ter uma ideia do que pode estar submerso em Portugal em 2050, se as emissões de carbono continuarem ao ritmo actual.



Estuário do Tejo.



Costa sul de Portugal e de Espanha, até à bacia do Guadalquivir, em 2050.



Estuário do Rio Mondego



A costa algarvia



Projeção da TVI para a costa europeia do Mar do Norte

Os estuários do Tejo, do Sado, do Mondego, do Guadiana, do Vouga e do Douro (com as caves do vinho do Porto inclusive), poderão sofrer grandes alterações, com o caudal dos rios a apoderar-se de áreas significativas.

A sul do país, a subida do nível médio do mar e a intensificação das tempestades, colocará em risco as ilhas barreira da Ria Formosa como o Farol e a praia de Faro e Vila Real de Santo António.

Lugares emblemáticos como o Padrão dos Descobrimentos, em Belém, O Terreiro do Paço e a baixa lisboeta estarão ameaçados pela subida das águas.

De acordo com os especialistas da ONU, os "humanos são indiscutivelmente responsáveis", e não há outra alternativa senão a redução dos gases de efeito de estufa.

A previsível subida do mar em 115cm afectará 230 mil portugueses e 88 mil edifícios da beira mar, e 300 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo cálculos de cientistas.

Reportemos ainda uma amostragem elaborada pela eléctrica Iberdrola.



Movimento Hippie: Um breve apontamento e uma ligeira reflexão.

O movimento hippie instalou-se substancialmente na América do Norte, e a cidade de San Francisco foi o seu berço. Daí a famosa canção de Scott McKenzie que atraiu a juventude.

If you're going to San Francisco

[Se tu fores a San Francisco](#)

Be sure to wear some flowers in your hair

[Leva flores no teu cabelo](#)

Decorriam as décadas de 60 e 70, e o legado e os impactos do movimento foram enormes na América. O movimento constituiu uma frente cultural e popular contra a guerra do Vietnam, com os seus eus milhares de mortos e o regresso de soldados “cacimbados” e com experiências culturais do oriente asiático. A contestação, a par das mudanças mentais, fez ruir e humilhar o exército americano, e forçou a retirada inglória.

O fenómeno hippie foi um comportamento colectivo de contracultura. Afasta-se do tradicionalismo e ensaia novos padrões de vida, com as célebres máximas de *peace and love* (paz e amor) ou *make love, not war* (fazer amor, não guerra). Partiu de jovens, mas alargou-se às gerações

Mais velhas e a grande parte dos países da América do Sul e da Europa.

Assumia a defesa do ambiente, a prática do nudismo e a emancipação sexual.

E as filosofias e religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo ou o xamanismo indígena da América foram trilhados de emancipações mentais.

Há o afastamento contundente dos valores tradicionais das classes médias e das economias capitalistas e dos modelos sociais da época.

E o seu momento mais alto foi o festival de Woodstock, que reuniu mais de 600 mil jovens.

E em Portugal? Lembremo-nos também quando “todos os caminhos iam dar a **Vilar de Mouros**”, em 7 e 8 de Agosto de 1971 (mais de 20 mil jovens ... estranhos , de vestes esquisitas...) e Cascais.

E no La Salle de Abrantes? Também as ondas passaram pelo Colégio. Lembramo-nos do **conjunto rock Os Tunos** e das discussões suscitadas em torno das sessões de cinema, no testemunho de Carlos Mineiro Aires no Boletim Nº 8, pág. 15.

[Ver site da aalasalle.](#)



Da esquerda para a direita: Zé Espinha, viola solo - Rui Jerónimo, vocalista – Donas de Oliveiras, órgão – Antonio Bruges, viola ritmo e vocalista – Falcão Freire, baterista.

Enumeremos mais algumas marcas dos “hippies”:

- Usavam cabelos e barbas compridos.
- Vestiam-se com roupas velhas e cores berrantes, de modelos psicadélicos, roupas de inspiração indiana e calçavam sandálias, em forma de oposição ao consumismo.
- As suas músicas eram de inspiração psicadélica, e repetiam as canções dos Beatles, com reconhecimento maior da figura de Jhon Lennon.
- Praticavam o “amor livre”.
- Rejeitavam os produtos industriais, numa atitude anticapitalista.
- Usavam o incenso nas suas meditações.
- Consumiam drogas (leves...), como libertação.
- Praticavam o misticismo e o esoterismo e exercitavam o despreendimento.
- Adoptavam as flores nas roupas e nos cabelos (“... leva flores no teu cabelo...”).
- O “Caminho de Katmandu” foi o destino das peregrinações hippies.
- Defendiam a natureza, a Terra, o Sol: um marco maior para a muitas gerações.



O seu legado:

Não podemos esquecer alguns contravalores não consensuais que o movimento trouxe às sociedades, como o hedonismo ou a anarquia mental e outros desvios.

Recordar, hoje, estes trajectos, arrasta consigo ainda uma certa visão romântica.

Mas o seu legado é enorme: Muito do estilo hippie foi adoptado numa nova era cultural nas sociedades actuais:

Diversos tabus foram-se dissolvendo. E a não discriminação das minorias, o misticismo, o antibelicismo e pacifismo, a tolerância, a influência na moda, que ainda perdura, as tendências de despreendimento, o ambientalismo e o culto da Natureza, do Sol e da Terra(a lembrar o poverello de Assis) são novas marcas herdadas deste movimento e de outras revoluções referidas neste texto.

O filme franco italiana do realizador André Cayatte, “Os Caminhos de Catmandu”, de 1969, retrata as

viagens/peregrinações ao mítico Tibete do Nepal e de Katmandu. Aí, os distintivos hippies aparecem-nos transfigurados no coração da humanidade.

Recordamo-nos dos comentários atentos do então Bispo do Porto, Dom António Ferreira Gomes: O movimento hippie e este filme “...é um sinal dos tempos”.



John Lennon, o vocalista da banda [The Beatles](#), é considerado Um dos maiores ícones hippies da história.



Símbolo adotado pelo movimento hippie na década de 1960.



Irmão Sebastião Lopes Pereira, fsc.

Em Portugal, a convite da ONG lassalista SOPRO, Kanimambo - Obrigado Irmão brasileiro que vive há sete anos em Moçambique, Director do Colégio La Salle da Beira



Mensagem do Ir. Sebastião no seu regresso a Moçambique, após visita a Portugal e a Roma. “Ser Lassalista ontem e hoje: Além do tempo e das fronteiras.

Visitar a missão Lassalista em Portugal, mesmo que de forma breve, foi uma experiência grata e cheia de surpresas. Além de representar os Irmãos moçambicanos e brasileiros, há mais de 30 anos estão em Moçambique, tinha como objetivo, mostrar um pouco das ações realizadas em parceria com a SOPRO Portugal, nas obras Lassalistas em Moçambique.

Conheci algumas escolas e foi uma alegria poder falar com diferentes adolescentes e jovens cheios de curiosidade. Muitas foram as questões sobre o como é a vida na África, as diferentes manifestações culturais, sociais, religiosas, etc.

Estive ainda a partilhar sobre as ações educativas que nós Irmãos e Colaboradores proporcionamos às crianças e jovens que nos são confiados. Para São João Batista de La Salle, somos embaixadores de Cristo e anjos da guarda de nossos alunos. E de facto, essa essência Lassalista permanece viva em Moçambique e pude constatar, com muita satisfação, que essa essência também está presente em Portugal, no Colégio La Salle Barcelos.

É nossa missão, fruto da fé e de uma espiritualidade que encanta até mesmo os que já foram alunos, colaboradores ou ex-Irmãos Lassalistas. Como caso concreto, tive a satisfação de conhecer um grande grupo em Barcelinhos, oriundos de um grande centro educativo que puderam estar juntos, viver e conviver em comunidade com muitos Irmãos e em missão.

Pela calorosa recepção, muito obrigado!



Obrigado por, em tão pouco tempo, me fazerem perceber que permanece vivo, mesmo depois de tantos anos, o sentimento de gratidão por terem passado por nossa comunidade. Viveram a nossa espiritualidade e ainda seguem com o desejo de ajudar, em especial, aqueles que mais precisam de nós.

Tudo isso é fruto de um carisma, de uma fé coletiva, das lembranças afetivas e, com certeza, alegres em se sentirem Lassalistas de coração, sentimentos por mim percebidos nas poucas horas em que estive junto ao grupo de ex-alunos e irmãos do antigo Colégio Abrantes e de Portugal.

E para terminar esta pequena partilha, cá em Moçambique seguimos a sonhar e viver o legado do nosso Santo Fundador que se inspirou em Jesus Cristo para estar junto aos mais necessitados na promoção de uma sociedade mais justa, humana, fraterna e próspera.

Viva Jesus em Nossos Corações. Para Sempre!
Irmão Sebastião “

Chegada a Lisboa - Acolhimento lassalista de Valentim Ribeiro de Almeida

Naquele dia 10 de outubro deste ano, pelas 10.30, chegaria o voo que viria trazer o Ir. Sebastião ao aeroporto de Lisboa. Tinha comigo as reservas de hotel para esse dia e a viagem de autocarro rumo a Braga para o dia seguinte. Tudo previsto, mas não foi assim tão fácil.

Depois da chegada do voo fui mostrando um cartaz para ser notado como é costume em tais circunstâncias.. Muito depois da hora chegou o Ir. Sebastião, sem a mala! Tinha-se perdido a bagagem, mas não o sorriso com que nos acompanhou o dia inteiro. Tudo se resolveu: O Luís levou-nos até sua casa de Carnaxide, disponibilizou roupa para um banho reconfortante e a seguir eu ofereci o almoço num restaurante próximo. Esclareço que o Luís é o pai duma jovem que fez voluntariado em Moçambique por intermedio da SOPRO

Seguiu-se uma tarde de visita à zona circundante do Mosteiro dos Jerónimos. Inclui O Memorial dos Combatentes do Ultramar, a Torre de Belém, O Monumento aos Descobrimentos e, claro, os Jerónimos. Por fim não dispensamos os reconfortantes Pastéis de Belém. O Ir. Sebastião seguiu toda a visita com muito interesse e interpelou-nos com perguntas do género “o que impulsionava estes navegadores a lançar-se por mares nunca dantes navegados e com destino incerto?”

Concluída a visita, os meus serviços foram dispensados. O I. Sebastião ficou a cargo do Luís que lhe ofereceu dormida e o levou até ao autocarro no dia seguinte, rumo a Braga.





Já em Barcelos.



O Ir. Sebastião foi acolhido carinhosamente pela comunidade dos Irmãos de Barcelos.

Dando cumprimento ao programa organizado pela Directora do Projecto SOPRO / MOÇAMBIQUE, Susana Falcão, participou em encontros com comunidades locais numa troca de vivências e culturas. Passou por escolas, por empresas locais, e foi recebido nos Paços do Concelho pelo seu Presidente, Dr Mário Constantino e pelo Vereador da Acção social António Jorge Ribeiro.

Notícia da Rádio de Barcelos : “A ONG SOPRO acolhe o Irmão Sebastião , responsável pelas obras lassalistas em Moçambique.

A SOPRO acolhe por estes dias a visita do Irmão Sebastião, responsável pelas obras La

Sallistas em Moçambique. Esta é a primeira vez, em mais de 25 anos de colaboração, que um representante do La Salle Moçambique visita Portugal, marcando um momento significativo para a Cooperação entre Portugal e Moçambique, como sublinha à Rádio Barcelos o irmão Sebastião Lopes Pereira acompanhado por Susana Falcão da SOPRO.

O Irmão Sebastião é o responsável pelo Centro Educacional e Assistencial de La Salle, que acolhe



cerca de 600 crianças em situação de vulnerabilidade na cidade da Beira. Também apoia o Colégio La Salle Moçambique e a Escola João XXIII, onde estão os 200 afillhados da SOPRO.

Desde 1998, a SOPRO tem desenvolvido uma parceria com La Salle Moçambique, enviando mais de uma centena de voluntários portugueses que têm prestado apoio às crianças e às comunidades locais. Esta visita tem como objetivo principal o reforço desta cooperação e a apresentação dos projetos que têm sido realizados em Moçambique. Durante a semana serão vários os encontros com alunos de várias escolas e ex alunos de La Salle”. Grupo da ONG lassalista SOPRO.



Grupo da ONG lassalista SOPRO



Lembrança dos AA de Portugal para o Irmão Sebastião.



Irmão Sebastião entre presidente da Câmara Barcelos e o Vereador do Pelouro Social





Programa alimentar

Da Esquerda para a direita: Irmão Nelson, Dir. da Escola João XXIII e da Casa de Formação, Ir. Peter do Quênia, Ir. Marcos responsável pela Pastoral, Susana Falcão e Ir. Sebastião



Formação profissional – costura.



Entrevista ao Irmão Joel, Director da Comunidade do Colégio La Salle, Barcelos.

Entrevista conduzida por Albino Ramalho



Irmão Joel Figueiras

Natural de Barcelos, de Santa Eugénia de Rio Covo, uma freguesia vizinha do Colégio La Salle, da mesma cidade, o Irmão Joel é precisamente o mais jovem dos Irmãos numa comunidade de que é diretor. Até entrar na Congregação, o seu percurso de formação e amadurecimento passou por períodos de experiência de vida comunitária com os Irmãos em Braga, Madrid e Valhadolid até fez os primeiros votos. Coursou Filosofia, Teologia e é Mestre em Educação Moral e Religiosa Católica.

Irmão Joel, antes de mais, muito obrigado por aceder a esta entrevista para o Boletim da Associação dos Antigos Alunos. Para começar pedia-lhe que nos fale um pouco das suas origens, família, terra natal. Sou natural de Barcelos, mais propriamente da freguesia de Rio Covo, Santa Eugénia, numa família de cinco pessoas. Apesar de a minha mãe ter falecido em 2017, continua presente na família, ainda que de outra forma. Cresci num ambiente familiar rural, com o trabalho diário no campo, sobretudo na ajuda aos avós. O meu pai foi jardineiro e a minha mãe, por motivos de saúde, ficou muito cedo desempregada. Durante muitos anos vi-me rodeado de primos e amigos, com os quais brincava

e me sentia muito feliz. Nesse processo de crescimento, o La Salle começou no meu 5.º ano, pois, por norma, concluído o 1.º ciclo, as crianças da minha freguesia natal eram encaminhadas para o Colégio.

“educado na liberdade e autonomia, com responsabilidade nas decisões”

Que influência terão tido essas raízes na modelação da sua personalidade e no seu percurso de vida? Não tenho a mais pequena dúvida de que a educação que recebi e o ambiente no qual cresci configuraram – e configuram – muito do que sou atualmente. Fui educado com muita liberdade e autonomia. Desde sempre, os meus pais me fomentaram a responsabilidade pelas decisões que devia tomar, sempre na medida e momento certos. Quando olho para trás e penso na educação que recebi, sei que fui um privilegiado. Hoje em dia, e da forma como o mundo mudou, até chego a pensar que os meus pais poderiam ser acusados de negligência, pois davam-me total autonomia. Esta liberdade, mesmo hoje não é bem vista, porque as crianças necessitam de estar constantemente controladas e vigiadas. Esta proteção excessiva não possibilita o crescimento, pois os pais, muitas vezes substituem os filhos. Eu sempre me senti responsável pelas minhas decisões, das mais pequenas às mais fundamentais. Cresci num ambiente de liberdade, desde o fazer até ao ser. Essa liberdade permite-me, hoje, ser autêntico e verdadeiro, sem precisar de agradar ou corresponder a expectativas de alguém.

Como aconteceu o despertar do seu chamamento à vida consagrada no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs? Frequentei o La Salle desde o 5.º ano. Ao terminar o 9.º ano, estava convicto de que o curso a seguir deveria ser Humanidades. No entanto, o Colégio não oferecia essa possibilidade. Ainda assim – e sem pensar muito, pois não tinha idade para isso, julgava eu – decidi ficar. Esta decisão transformou a minha vida. Nunca tinha ouvido falar do grupo cristão. Ao entrar no 10.º ano, os meus amigos convidaram-me a

experimentar. Recordo-me da primeira reunião e da vontade de sair dali a correr, porque aquilo não encaixava comigo. No entanto, fui-me mantendo, possivelmente por curiosidade ou por inércia, nem sei bem. Com o passar do tempo, fui-me apaixonando pelos momentos, experiências e partilhas. No final do 11.º ano, vivemos a experiência

“uma experiência marcante na minha vida”

que me transformou radicalmente: a Páscoa Jovem. Estava num momento familiar muito complicado: a minha mãe acabava de descobrir uma doença crónica, o dinheiro era escasso para tantas necessidades, e não tinha forma de ir à Páscoa Jovem. O grupo cristão não me deixou cair. Lembro-me de que, na Sexta-Feira Santa, na oração junto à cruz de Jesus, senti algo dentro de mim como nunca tinha sentido antes. Foi naquele dia que a música “Ninguém te ama como eu” começou a tornar-se “carne” na minha vida. Depois dessa experiência profunda de encontro com Jesus, senti que a vida não era para guardar, mas para entregar. No caminho de discernimento que se seguiu, a opção pela vida consagrada surgiu como a proposta de Deus para uma vida em felicidade e plenitude. Posso assegurar que, nem eu nem ninguém que me conhecia, poderia ter sonhado tal coisa.

“acreditar na força da entrega da vida a Deus e aos irmãos.”

Quando hoje tudo convida a um “carpe diem”, numa perspetiva de satisfação material com abandono ou menorização da espiritualidade, que encontra na vida religiosa que supere ou compense o que uma vida secular lhe poderia proporcionar? É uma pergunta essencial, à qual tenho de responder constantemente. Como disse antes, nunca tinha sonhado este estilo de vida para mim e, também por isso sinto que a minha vocação de Irmão de La Salle é realmente chamada de Deus. Dessa forma, sei que o meu coração não está chamado a deixar-se levar pelas seduções ou tentações que a vida nos oferece. Não o afirmo de forma negativa, como se as coisas boas não fossem necessárias, longe disso. No entanto, sei que uma opção para a vida toda, tomada em liberdade e amor, não está muito na moda. Na vida religiosa encontro pessoas que escolheram a

mesma forma de vida que eu, uma família que não escolhi, mas Deus quis. Encontro a satisfação de entregar a vida em pequenos gestos e a disponibilidade de estar em qualquer lugar do mundo, onde fizer falta. Encontro ainda uma forma de amor celibatária que dá sentido à minha vida. Num mundo onde falar de compromisso e aliança parece medieval, eu continuo a acreditar na força da entrega da própria vida, a Deus e aos irmãos.

A identificação com a missão específica bem como a aquisição das competências científica e metodológica para o cumprimento da missão são preocupações de qualquer instituição. Refira-se ao seu processo de formação, sobretudo às suas fases e conteúdos, tendo em vista o cabal desempenho na missão da Congregação Lassalista. Depois da minha vontade por descobrir qual era efetivamente a minha vocação, encetei o processo de acompanhamento e formação. Desde o início deste itinerário, fui estimulado a descobrir a vontade de Deus na minha vida e não, simplesmente, a perceber se o caminho passava por ser Irmão ou não. Depois de um ano e meio de acompanhamento com o Irmão Guilherme, decidi que era altura de comprometer-me mais e dei o passo ao Postulantado. Desde sempre entendi a formação como algo vital e não meramente teórico. Comecei então a viver com os Irmãos, partilhando das suas dinâmicas de vida. Depois de dois anos no Colégio S. Caetano, em Braga, fui convidado a ir viver para Madrid, com outra comunidade de Irmãos. Ali permaneci três anos. Estudei Filosofia e fiz o Noviciado. Em 2015, fiz os primeiros votos como Irmão de La Salle. A congregação entendeu que o meu processo deveria, então, passar por Valladolid. Foi nessa cidade que estudei os três anos de Teologia. Depois enviaram-me a Barcelos, a minha comunidade atual. Ao voltar a Portugal, fiz Mestrado em Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica. Atualmente, estou a realizar o Mestrado em Educação Especial. A instituição sempre me facultou todas as ferramentas para crescer, espiritual e academicamente. Penso que a formação é um processo sempre incompleto, pois continuamente necessitamos de aprender. Por isso, ao longo de todos estes anos, formei-me em vida lassalista, pedagogia, espiritualidade, pastoral.... Mesmo que o ensino obrigatório e graus académicos estejam concluídos, a formação é

contínua e permanente, pois estamos sempre em transformação.

Muito se fala na necessidade de investir na capacitação dos candidatos a uma determinada missão, não se ficando pelo ensino obrigatório ou ao âmbito profissional ou vocacional. Deverá continuar ao longo da vida. Fale-nos da sua experiência neste aspecto e de como ele está presente na dinâmica da Congregação em relação aos seus membros e colaboradores. A formação é

“Curiosidade e vontade de aprender, condições essenciais para querer crescer.”

algo essencial na vida das pessoas, porque estamos em contínua transformação. Considero-me uma pessoa curiosa e com vontade de aprender e estas são condições essenciais para querer crescer nesta dimensão. A formação dos Irmãos é contínua, pois acreditamos que esta nos ajuda a “trabalhar por dentro”, o que possibilita uma entrega mais genuína “por fora”. A nossa vida deve se atualizada, renovada. Por isso, a formação nunca termina. É verdade que há fases na vida nas quais a formação está mais presente ou dedicamos mais tempo à mesma. No entanto, esta dimensão aparece no nosso Projeto comunitário e pessoal, pois acreditamos que é uma realidade a cuidar constantemente. Assim, cada Irmão realiza o seu plano de formação contínua e partilha em comunidade, pois, muitas vezes, enriquecemo-nos com as sugestões uns dos outros.

Segundo o fundador da Congregação, S. João Baptista de La Salle, o voto de “ensinar gratuitamente aos pobres” constitui uma marca diferenciadora relativamente a outras ordens e congregações, a que se comprometem todos os seus membros. Acha que no mundo de hoje este voto ainda se justifica? E sob que modalidades os Irmãos o podem cumprir? O voto que realizamos é de “associação para o serviço educativo aos pobres”. Ou seja, os destinatários são os mais pobres, no entanto, a força do voto está na associação. É neste “juntos e por associação” que o Fundador e os primeiros Irmãos enraizaram a sua vida, porque não fundaram escolas, mas comunidades que entregam a sua vida através da educação, especialmente aos mais pobres. Durante séculos – por várias influências – o voto de associação perdeu a sua

força, pois os votos canónicos de pobreza, castidade e obediência sobressaíam como norma de vida das congregações. No entanto, os Irmãos de La Salle recuperaram o voto de associação como aquele que dá sentido aos outros e, por isso, foi colocado em primeiro lugar na fórmula de votos que proclamamos. Eu acredito que, hoje em dia, este voto faz ainda mais sentido, porque fomos ganhando um sentido de “pobreza” mais abrangente. É inegável que a primeira pobreza que vemos à frente dos nossos olhos é a económica, no entanto, em que lugar fica a pobreza afetiva, familiar, social? Eu acredito que o voto de pobreza dos Irmãos não se mede pela conta bancária dos alunos que temos, mas pelo olhar gratuito com que atendemos os mais necessitados, de todo tipo. No dia em que as coisas valerem mais do que as pessoas, então os Irmãos deixarão de ser pobres. Parece-me que isto tem mais do que validade no dia de hoje.

O Irmão Joel é hoje o diretor da comunidade lassalista de Barcelos. No entanto, a direcção do colégio está confiada a um leigo exterior à Congregação, prática frequente em instituições similares pelo mundo lassalista. A que se deve esta medida? Como é que através de não-membros da Congregação se assegura a transmissão dos seus ideais e valores educativos?

O Carisma da Congregação não se limita ao Irmãos, também reside nos leigos com eles comprometidos na mesma missão.

Desde há muitos anos que a Direcção do Colégio está entregue a um leigo, neste caso a professora Luísa Vieira. Esta realidade é fonte de alegria, porque mostra que a vida lassalista é rica em vocações e não fica encerrada nos Irmãos. Apesar de a Congregação ser a memória e a garantia do carisma, os leigos podem vivê-lo com a mesma pertença do que nós, apesar de terem uma forma de vida diferente. Por isso, o que pretendemos é que a direcção do Colégio esteja sempre confiada a alguém lassalista, independentemente de ser Irmão ou não. Aliás, muitas vezes os leigos estão melhor preparados para essas funções. Durante séculos, a Congregação acreditou que o carisma era um poço situado na sua propriedade e, por isso, nós mandávamos em tudo. Graças a Deus, fomo-nos apercebendo que o carisma é um rio que não para

de correr e ao qual qualquer pessoa se pode aproximar. É com esta perspetiva que acredito que a professora Luísa Vieira, atual diretora, é tão lassalista como eu. A vida levou-nos por caminhos diferentes, mas partilhamos um tesouro comum: seguir Jesus ao lado de S. João Batista de La Salle.

Eu sou o diretor da comunidade, porque o Ir. Provincial entendeu que sou a pessoa indicada para liderar este barco fraternal. O barco pedagógico é liderado pela professora Luísa, sempre em sintonia com a comunidade.



Comunidade dos Irmãos de La Salle

Como vê o presente e o futuro da Congregação em Portugal?

Com muita esperança. Não sou pessoa de me deixar levar por desesperos ou números negativos. Sendo realista ao reconhecer aquilo que me rodeia, também sinto que há circunstâncias que nos ajudam a ser mais fiéis e evangélicos. Oxalá a falta de vocações - que, no fundo, é falta de opções pelo amor - seja uma alavanca para uma vida mais coerente e entregada. Não me preocupa que o número de Irmãos esteja a diminuir, porque não estamos chamados a tornar a sociedade cristã outra vez, mas a transformar a vida das pessoas. Muitas vezes, isso faz-se, não com a opulência dos números, mas com o testemunho simples e quotidiano. Outro motivo que me dá muita esperança é reconhecer em tantas pessoas o desejo de ver a comunidade lassalista crescer, em número e entrega. São hoje muitas as pessoas que se comprometem com este projeto de vida, apesar de não fazerem a mesma opção que eu. Se daqui

a uns anos não houver Irmãos para estar em Portugal - essa realidade pode estar próxima - não fico preocupado, porque confio que Deus há-de suscitar pessoas que, em comunidade, darão uma resposta lassalista.

Uma mensagem final aos nossos leitores e antigos alunos. Os antigos alunos do La Salle - nos quais me incluo - devem ser o fermento para um mundo mais fraterno e, através das suas atividades e trabalhos, cultivar o espírito de justiça e paz que queremos ver no mundo. Estamos todos convocados para esta missão: levar Jesus a todos os corações, especialmente os mais frágeis.

S. João Batista de La Salle! Rogai por nós! Viva Jesus em nossos corações! Para sempre!



CIPRIANO ALVES, UM ESCULTOR DEDICADO

“Não, não vou por aí! Só vou por onde me levam meus próprios passos”. (José Régio).

Texto e recolha de Valentim Ribeiro de Almeida'



Cipriano nasceu em Celorico de Basto. É, pois, conterrâneo do Presidente Marcelo. Atualmente reside em Tudela de Duero. Tem 3 filhos.

O percurso de vida do Cipriano é surpreendente e bem diferenciado relativamente ao grande grupo de antigos alunos de La Salle. Na atualidade continua a passar longas horas no seu atelier, em contato com as obras de arte que vai moldando, bem longe das redes sociais, para as quais afirma não ter tempo. Trabalha com madeira maciça e/ou pedra. A sua esposa colabora no trabalho fotográfico e gere o email.

Cada escultura é iniciada pela criação de molde em gesso e depois em escaiola. Pode demorar meses a ser concluída. Tudo decorre sem pressas e com prazer. O seu atelier, com cerca de 100 m² fica no

piso inferior da casa. Quando sobe à habitação continua a disfrutar da companhia das suas obras, pois algumas delas constituem os seus bibelôs favoritos.

Ao longo da vida foi deixando as suas esculturas pelos locais por onde passou, muitas vezes oferecidas, levando um quotidiano discreto e preferindo não ser notado.

No passado mês de setembro cruzei-me com ele em Bujedo e não desperdicei a oportunidade de lhe lançar um repto para descrever um pouco do seu percurso de vida e da sua obra artística para a nossa revista. Foi uma longa conversa que incidiu sobre as dezenas de esculturas, maioritariamente de arte sacra que foi realizando ao longo da vida, em pedra e em madeira. Não acedeu ao meu pedido, mas concordou a que eu o substituísse nessa tarefa.

Ao interpela-lo sobre a sua relação com La Salle, foi pronto em afirmar que deve tudo na vida aos Irmãos: Estes o acolheram aos 7 anos no Colégio de S. Caetano de Braga e a sua relação com La Salle permaneceu sempre próxima ao longo dos anos. Realça os mestres que em Braga o iniciaram na arte da carpintaria, trabalhando sempre com madeira maciça e recorda os trabalhos em que colaborou destinados a empresas sediadas em Paços de Ferreira.

Depois vieram os anos de formação repartidos por Barcelos, Arcas Reais e Bujedo.

Também passou por Abrantes onde lecionou a disciplina de Trabalhos Manuais e ainda pelas Oficinas de S. José no Porto.

Após os turbulentos anos da revolução de abril, terminou por estabelecer residência em Tudela de Duero, bem próximo das casas de La Salle de Valladolid.

Ao longo da vida tem trabalhado como Decorador de Interiores. Não se limita a propor ideias sobre a decoração mais adequada a cada casa, mas ele mesmo concretiza na prática essas suas ideias.

Outros trabalhos nessa área como remodelações também o foram ocupando nas horas de trabalho.

Em 1994 sofreu um grave acidente que o manteve inativo por 3 anos. A partir do ano 2000 começa a passar longas horas a moldar admiráveis obras de escultura e também retábulos e escudos diversos predominando a arte sacra. Desta forma foi deixando por todo o lado essas valiosas obras.

Quando chegou a Tudela, a fachada da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção tinha apenas uma imagem da Virgem da Assunção, na parte cimeira. Trata-se de uma imagem muito venerada nessa terra datando do séc. XVI / XVII. Em 2002 o Cipriano, disponibilizou-se para modelar uma outra imagem da Virgem da Assunção em maior escala, para colocar abaixo da histórica pequena imagem (fazem parte do seu espólio várias imagens da Virgem da Assunção, tanto em pedra como em madeira). Mais tarde, em 2020, completaria a fachada com outras 2 imagens: S. Roque com o cão e a cabaça no topo do cajado à direita da Virgem e Santo Isidro com os bois à esquerda.

Também realizou um belo escudo de Tudela de Duero, datado de 2006.

De seguida apresentaremos as suas obras mais representativas, de entre as dezenas que integram o seu espólio. Diferenciamo-las em 5 grupos de acordo com a sua localização ou assunto: 1) Tudela e Múrcia; 2) Igrejas de Valladolid; 3) Casas de La Salle; 4) Escudos Desportivos; 5) Esculturas ou relevos de animais

1. Obras artísticas localizadas em Tudela e Múrcia:



FACHADA DA IGREJA DA ASSUNÇÃO DE TUDELA

Na fachada da Igreja paroquial de Tudela

destacam-se as imagens descritas anteriormente.

O escudo dessa terra é de 2006

Por sua vez é da sua autoria o belo retábulo que se encontra na Igreja de S. Domingos na distante Cidade de Múrcia, realizado em 2006.



ESCUDO DE TUDELA.



RETABLO IGLESIA STO DOMINGO MURCIA

2. Obras artísticas localizadas nas Igrejas de Valladolid:

Igreja do Carmo: Sacrário e também altar, ambão e cadeirão; obras realizadas em 2003

Igreja del Henar: Santa Teresa e São João da Cruz de 2008.



SACRÁRIO IGREJA DO CARMO - VALLADOLID



SANTA TERESA E SÃO JOÃO DA CRUZ IGREJA PAROQUIAL DEL HENAR - VALLADOLID

3. Obras artísticas localizadas nas casas de La Salle

por onde Cipriano passou e que foram oferecidas: Em Barcelos, um mural com texto (2005)



ESCUDO LA SALLE ARCAS REALES



Em Arcas Reais, Nossa Senhora da Assunção, tal como a de Tudela, mas um pouco mais pequena, datada de 2019. Também escudos na biblioteca e no refeitório.

Em Bujedo deixou um escudo semelhante ao de Arcas Reais situado na sala de reuniões. Para os Também em Abrantes deixou pelo menos um crucifixo.



4. Escudos heráldicos e relativos a grupos desportivos.

Da sua vasta obra constam numerosos escudos entre os quais o de Espanha mas também do Real Valladolid e do Barcelona FC.

Antigos Alunos de La Salle de Valladolid ofereceu um escudo.



5. Esculturas de animais:

Algumas destas esculturas mais notáveis, constituem os bibelôs que o Cipriano mantém em sua habitação. É o caso da “quadriga” (cavalos) que aqui se apresenta.

Do seu espólio constam também: Pinguim, delfim, cabeça de lobo, e leão alado em relevo.



Ultimo trabalho de Cipriano Escudo da Associação dos Antigos Alunos La Salle de Portugal.

Obrigado, Cipriano

Entrevista ao Dr. José Falcão Tavares (A. A. Col. La Salle, Abrantes) Albino Ramalho



José Manuel Falcão Silva Tavares

Natural de Abrantes, aluno do Colégio La Salle de 1960, ano em que ingressou para a 2.ª classe, até 1970, quando conclui o 7.º Ano do curso liceal. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, foi como Médico de Clínica Geral e Familiar que se notabilizou em Abrantes, de que se aposentou em 2019. Foi contemplado com o 1.º Prémio Bial de Investigação Médica-Clínica em 1990. Além do seu interesse pelo associativismo, fundou a Associação Médicos de Família e o Clube Clínica Geral, e é autor de obras sobre a temática da saúde partindo da sua experiência profissional, sendo ainda a poesia e a ficção outras das suas ocupações preferidas.

Mas é como ex-aluno do Colégio, que desde já agradeço nos ter concedido esta entrevista. E começo pela mesma pergunta feita a outros dos seus colegas já aqui entrevistados: quais as motivações dos seus pais ao optar pela frequência dum colégio de religiosos para a educação dos seus filhos?

"Um projecto que cativou de imediato pelo arrojo e pelo lema *mente são em corpo são*".

A escolha foi realizada pela Sociedade de Iniciativas de Abrantes, um grupo das pessoas mais prósperas e cultas, criando uma alternativa privada onde havia uma experiência embrionária com o externato D. Francisco de Almeida desde 1910. O projeto, mais do que pela vertente religiosa, cativou de imediato pelo seu arrojo junto ao Tejo e pelo lema, *mente são em corpo são*.

Que conhecimento tinham dos Irmãos de La Salle, como instituição dedicada ao ensino e formação dos jovens?

O conhecimento que havia em Abrantes sobre os Irmãos de La Salle era restrito ao senhor José Rosa Falcão, ao Dr. Manuel Fernandes e outros pioneiros. Foi uma surpresa muito agradável e acolhedora para a comunidade.

Referindo-se ao ensino e formação ali ministrados, quais os aspectos positivos que mais salienta comparativamente à oferta educativa e de ensino da altura?

Havia colégios particulares cuja prática concentracionária e de pendor autoritário permitiram por comparação destacar muito a inovação pedagógica que o Colégio La Salle vinha trazer.

O aluno José Tavares, morando na vizinha Alferrarede, frequentou o Colégio como aluno externo. Como classifica o convívio e o relacionamento entre alunos internos e externos,

e a forma como uns e outros eram acolhidos e tratados pelas estruturas directiva e docente?

A experiência dos alunos externos e internos era muito distinta, mas não por haver uma discriminação negativa em relação aos segundos. Estes, tendo a família longe e sem férias de Verão, por vezes, tinham uma atenção mais rigorosa e protetora.

Na altura, o Colégio havia alunos provenientes das antigas colónias portuguesas, nomeadamente de África, de etnias e sensibilidades diversas da continental. O que é que na altura se achava desta convivência no seio de uma comunidade educativa tão plural?

"um verdadeiro oásis na vida dos jovens"

Sim, numa época de disciplina e de opressão social, o Colégio La Salle era pela diversidade e riqueza das oportunidades de aprender um verdadeiro oásis na vida de jovens com carência afetiva.

Quando revisitamos o nosso passado, vêm-nos logo à memória colegas, professores, funcionários que nos acompanharam e nos ajudaram a crescer como pessoas e cidadãos. Referindo-se aos seus tempos do La Salle, reporte-nos algumas dessas figuras que mais lhe ficaram na lembrança e o porquê dessa persistência?

"No Colégio encontrei uma verdadeira família".

Estive com o meu irmão João 10 anos no Colégio La Salle entre 1960 e 1970, inaugurando turmas do ensino primário. Tivemos ali uma verdadeira família, criámos amigos, e rapidamente os Irmãos foram modelo para nós, sobretudo, o Irmão Ramiro pela sua maneira aberta, o Irmão Carlos Borrego pela proximidade conosco (tinha 20 anos), e o Irmão La Fuente pela sua inteligência fascinante.

Outra pergunta que também sempre ocorre nestas entrevistas. De que forma o Colégio contribuiu para o seu projecto de vida: pessoal, familiar, profissional?

Teve em mim uma influência estimulante, disciplinadora e moral. Recordo o Regulamento, lembrado pelo Santana-Maia Leonardo, em que éramos educados para proteger os mais fracos e respeitar todos. Assim, nos fizemos rapazes e mais tarde homens.

O José Tavares, além de médico é também escritor. Nessas dimensões, quais são ou foram as suas grandes preocupações? E as que, quando realizadas, mais satisfação lhe trouxeram?

"O escritor é um autor de um mundo melhor"

Um escritor, socialmente, é alguém que não aceita a realidade tal como ela se manifesta, como ela se organiza, ou como ela nos interpela. Quer construir um mundo à sua medida, por isso, mais do que um escritor é autor de um mundo melhor, seja escrevendo, pintando ou discutindo ideias.

Se a felicidade, segundo Aristóteles, é o objectivo final das acções humanas, o mesmo poderemos dizer da educação. Mas o que é para si a felicidade? Como a construímos?

"A felicidade, uma utopia, uma ideia que nos move para além do medo da solidão".

A felicidade não é a obtenção de um desejo, nem de um estatuto, trata-se de uma demanda para ser capaz de tomar boas decisões, estar à altura do que o nosso coração espera de nós e ser criador à imagem dos dons que Deus nos deu. A felicidade é uma utopia antes de ser ilusão, mas é uma ideia que nos move para além do medo de estarmos sós.

Como o Boletim se dirige sobretudo aos associados desta Associação, antigos alunos de La Salle, muitos deles seus antigos colegas, que mensagem gostaria de lhe dirigir?

Os mensageiros, como sucede nos tempos de guerra, e estamos num tempo delas, são abatidos, um a um. Deus me livre! Deixo-vos o meu exemplo para mudar o Mundo. Sejam irmãos uns dos outros.



Com o Presidente da República, Dr. Mario Soares



Leal Marques Neto

Entrevista



Eng.º Leal Marques Neto. Albino Ramalho

Natural de Abrantes, da freguesia de Pego. Os progenitores, pessoas bem conhecidas e respeitadas por alunos e professores. O pai era o barbeiro do Colégio, a mãe a D. Narcisa, a simpática e afável costureira que a todos deixou boas lembranças. Como aluno externo, Leal Neto frequentou o Colégio de 1963 a 1970 após o qual entrou na Universidade tendo-se licenciado em Engenharia. Estamos-lhe muito gratos pela disponibilidade para esta conversa, que se pretende, além de com o entrevistador, com todos os nossos leitores. E desde já faz questão de prevenir que os seus depoimentos são transcritos na ortografia antiga e aprendida no La Salle (*a ortografia anterior ao Acordo de 1990 tornado obrigatório em 2008*).

Sobre os vários pontos focados sobre a sua passagem pelo Colégio, começou por nos falar sobre as ofertas de ensino ao tempo existentes em Abrantes bem como das motivações dos seus pais ao optar para o filho por um colégio dirigido por religiosos. Vejamos. Na altura, em Abrantes, havia quatro estabelecimentos de ensino secundário: três de ensino liceal, o Colégio La Salle (só masculino), o Colégio N.ª Sr.ª de Fátima (Irmãs Doroteias – só feminino), o Externato D. Nuno (masculino e feminino) e um de ensino Técnico (Escola Industrial e Comercial de Abrantes - EICA, masculino e feminino também).

Sobre propriamente o que o levou à matrícula no Colégio...

"uma opção em função da qualidade académica"

Apesar de os meus pais se relacionarem com um dos diretores do Externato - que lhe prometia desconto especial na mensalidade, importante para a nossa situação económica - pelo que por ali corria sobre a qualidade do ensino, eu não estava inclinado a nele entrar, antes preferindo a EICA, à qual tinha também feito o exame de admissão. Mas por pressões da minha professora primária, que achava que seria melhor o ensino liceal, acabei inscrito no Colégio. Mais tarde a direcção do Colégio acordou que o meu pai, que era barbeiro, fizesse lá esse trabalho com os internos, o que foi uma enorme ajuda para o equilíbrio económico familiar. Não houve, portanto, uma escolha ditada por motivos de religião, apesar de os meus pais frequentarem a Igreja. Foi mais uma escolha em função da qualidade académica de que na altura se falava.

Morando bem perto do Colégio, na freguesia de Pego, frequentou-o como aluno externo. Na forma de sentir a vida do Colégio, notava algumas diferenças entre os que andavam lá como alunos externos e os que lá viviam, os alunos internos?

Diferenças entre externos e internos sempre houve. Se o Colégio tentava que as actividades fossem abrangentes, como a Tuna, Cinefórum, Concursos Corais, não é menos verdade que havia sempre uma certa rivalidade entre externos e internos, nada inultrapassável, mas que se notava.

Quando pensámos nos tempos de estudante,

vêm-nos à memória colegas, professores, funcionários que nos acompanharam e de algum

modo nos ajudaram a crescer como pessoas e cidadãos. Nesse aspecto, que memórias lhe despertam os seus tempos do La Salle? Reporte-nos algumas e o porquê dessa persistência.

A PIDE/DGS no encaço do Ir. La Fuente.

Tenho muitas memórias, algumas mais pessoais - **confessa-nos-**, mas gostaria de recordar um facto do colectivo. No ano lectivo de 1969-70, no início do 7.º Ano (então o último do ensino liceal). o Irmão La Fuente (por motivos de ordem política, a PIDE/DGS andava-lhe no encaço) teve de sair de Portugal e, para o seu lugar de Professor de Filosofia, foi contratado um professor "civil" da cidade (cujo nome não recordo) e perante as primeiras aulas, tão fraquinhas, do dito professor, houve uma "revolta" da turma. Não sei quem começou, mas sei que a Direcção do Colégio o despediu, passando o Irmão Antonino a dar a referida disciplina. Isto para mim reflecte, por um lado, a exigência que o Colégio tinha com o ensino ministrado e, por outro, uma liberdade que não se encontrava no país da altura.

Fale-nos agora um pouco sobre o seu percurso à saída do Colégio: universidade, trabalho, profissão, família, e as razões das opções seguidas. Terá o Colégio influenciado essas opções? De que forma ou em que medida?

Sempre fui mais ligado às áreas das matemáticas do que às letras, e o Colégio, acentuou isso. Por isso, seguir uma área técnica era o normal, e como diz alguém do meu tempo, "quem gostava de matemática ia para as engenharias" e foi o que sucedeu comigo, apesar da família fazer uma certa força por medicina. Os vianenses, a propósito do encanto desta

cidade sobre os de fora, dizemos « *Quem gosta vem, quem ama fica* ». Algo de semelhante se passou consigo em relação às matérias mais tecnológicas? Sim, sem dúvida, e seguir *Química tem a ver ainda com um pormenor: Química era a única Engenharia que não tinha desenho (uma pecha que sempre tive)*.

Costuma-se dizer que a família, as pessoas com quem lidamos, lugares e ambientes frequentados nos marcam e influenciam para a vida. Pode dizer que também é esse o seu caso, devido ao ensino e educação.

a família e os valores básicos da educação

É evidente que os valores básicos, da educação são essencialmente formados nos primeiros anos da nossa vida e sendo assim, a família, a escola primária e os primeiros anos do secundário vão-nos acompanhar na vida inteira. E posso dizer que a responsabilidade, o rigor, o respeito estiveram presentes tanto na família, como na primária, como no colégio.

Tendo desenvolvido a sua competência técnica e profissional ao serviço de empresas, como entende o papel das mesmas e do trabalho como contributos para uma sociedade justa, equitativa equilibrada.

Experiência em empresas com inovação e preocupação social

As empresas não têm todas o mesmo espírito. Há algumas que buscam o lucro a qualquer preço, desprezando colaboradores, clientes e fornecedores. Por outro lado, algumas fazem como sempre fizeram, no mesmo registo, sem preocupações de melhoria contínua. Tive a oportunidade de trabalhar com empresas que procuravam inovar (sem falsas modéstias, acho que também contribuí para isso), que estiveram na linha da frente do seu sector, e que tiveram sempre uma certa preocupação social. Mas hoje, há uma questão que ponho: as empresas, e os países, produzem mais e melhor, com melhor mecanização, com melhor automação, reduzindo a mão-de-obra.

Problemas com a mecanização e automação

A revolução industrial diminuiu o trabalho braçal, a força bruta criando um outro tipo de trabalho e mais ou menos tínhamos/tivemos trabalho quase para todos, porque novas necessidades de trabalho e de conhecimento se desenvolveram. Neste momento,

com as novas formas de desenvolvimento (IA. p.e.) as empresas, os países, poderão continuar a produzir mais e melhor, mas haverá ainda emprego para quase todos? Haverá novas necessidades de trabalho e de conhecimento? Perante um mundo em degradação e com recursos cada vez mais esgotados, eu pergunto, qual é o caminho que devemos seguir? Mas, também digo que não sei qual é a solução.



Se a felicidade, segundo Aristóteles, é o objectivo final das acções humanas, o mesmo poderemos dizer do trabalho. Como, em seu entender, o binómio trabalho e felicidade se pode conjugar sem se excluírem um ao outro?

um binómio nunca fácil de conjugar nos tempos actuais.

O binómio trabalho-felicidade não é, nem nunca será, fácil, especialmente com os problemas que hoje se põem, como disse anteriormente. Mas é evidente, que para isso, temos de encontrar uma motivação no que fazemos, e se não a temos, temos de a procurar, não ficando no mesmo local a desgastar-nos, o que também não é fácil. Cada um tem a cada momento de procurar o que pretende e saber que as lamúrias não levam a nada.

Dirigindo-se este Boletim, sobretudo aos associados desta Associação, antigos alunos de La Salle, muitos deles seus antigos colegas, que mensagem gostaria de lhes deixar?

A formação rigorosa, de qualidade, de partilha (apesar de rivalidades normais) do Colégio, penso que quem passou pelo mesmo não o pode esquecer, foi sem dúvida um farol no nosso futuro.



O Presidente da Confraria Gastronómica Galo de Barcelos, Sr. Magalhães, entrega ao Ir. Figueiredo, presidente da ONG lassalista Sopro, um cheque de apoio.

Ceia solidária, um “SOPRO” natalício

Por David Macedo



O Presidente da Confraria Gastronómica do Galo de Barcelos, Snr Magalhães, entrega ao Presidente da ONG SOPRO, Irmão Figueiredo, um cheque solidário.

A Associação dos Antigos Alunos de La Salle no dia 7 de dezembro, vésperas da festividade de Nossa Senhora da Conceição, organizou uma ceia de Natal solidária com o objetivo de angariar fundos para a SOPRO (Solidariedade e Promoção).

S. Martinho de Galegos, freguesia do concelho de Barcelos, engalanada para a festa da padroeira, recebeu os antigos alunos com muito brilho e música.

“Estamos no Messias, não me refiro ao redentor, mas ao restaurante Messias... Sejam todos bem-vindos! Vamos esperar um pouco pelos companheiros mais atrasados” foram as palavras iniciais proferidas pelo presidente da Associação, José Carlos Ferreira, após o toque estridente de uma minúscula campainha, uma assistente eficaz, que ele contratou para mandar calar. A meia centena de ex-alunos, oriundos dos quatro quadrantes do distrito e alguns do distrito do Porto, aproveitaram esse compasso de espera, após calorosos cumprimentos, para por a conversa em dia, lembrar o passado, dar as boas vindas a quem vinha pela primeira vez, sempre com um sorriso aberto e amigo.

Logo que os três elementos da Confraria Gastronómica do Galo de Barcelos com seus trajes imergiram na sala, seguidos pelo Ir. Joaquim e mais alguns antigos alunos que se tinham perdido pelos caminhos sinuosos, as mesas, com uns arranjos natalícios singelos, foram ocupadas. À sua frente os alunos encontraram uns marca livros com o símbolo da Associação e uma frase “Ser solidários é ser maior que nós”, acompanhada da respetiva data. A Ceia começou a ser servida com algumas entradas; a sopinha quente logo a seguir. Ao toque da estridente campainha, todos se calaram para assistir à entrega do cheque de 430 euros que a Confraria trazia para a Sopro. A Confraria fez-se representar pelos confrades Magalhães, Margarida e Batista, entregou à Sopro um cheque no valor de 430 euros. O confrade Magalhães explicou que era o resultado de um leilão de uma peça de artesanato oferecida pela casa Messias, de Galegos S. Martinho, que a Confraria realizou num dos jantares e determinou entregar à Sopro. O Ir. Figueiredo agradeceu.

Uma vitela à moda antiga foi servida, acompanhada por arroz seco. Suculenta, saborosa, a danada!



Entrega de contributos financeiros dos AA presentes à ONG SOPRO

A magia aconteceu após uma sinalética do chefe-mor. Dois ex-alunos mais jovens, pegaram numa caixa adormecida lá num canto e espalharam uma garrafa de vinho com o símbolo e uma mensagem da Associação dos antigos alunos, pelas mesas. Cada um dos participantes recebeu a sua. Não foi dito que se tratava de uma prenda de natal, mas pareceu. Foi bonito ver o Carlos Salazar abrir a sua garrafa, levantar-se e percorrer as mesas, servindo um cheirinho, para que os colegas apreciassem o produto vinícola que tinham acabado de receber. Seguiram-se algumas mensagens. O Joel, no seu estilo pausado e eloquente engrandeceu a obra de La Salle em Portugal e a importância dos valores recebidos para a vida futura de cada aluno. O Ir. Joaquim em nome da Associação, não só justificou o atraso, como felicitou os organizadores, passando depois a exaltar os valores lassalistas presentes, nomeadamente, a partilha e a fraternidade. Carlos Borrego, Presidente da Assembleia da Associação, de forma sucinta, fez suas as palavras do Ir. Joaquim, agradeceu a presença e desejou a todos um feliz Natal. António Oliveira, entretanto, deambulava pelas mesas a recolher os donativos. Foi anunciada a quantia de 1720 euros que foi entregue ao presidente da Sopro, Ir. José Pereira de Figueiredo.

No adro da igreja, muito perto do restaurante, alheio a este gesto solidário, um grupo musical animava a festa. A noite estava fria, mas nos corações de todos os participantes na ceia solidária reinava um calor, uma alegria especial na hora da despedida.

Todos os antigos alunos, antes de regressarem aos seus lares, manifestaram, por um lado, direta ou indiretamente, a sua gratidão pela excelente organização por parte da Associação e por outro lado, um sincero agradecimento e apreço pela simpatia, competência, perseverança, determinação e a resiliência do nosso presidente, José Carlos Ferreira que continua a ser uma estrelinha no nosso universo lassalista.

Feliz Natal para todos!



REENCUENTRO EN BUJEDO (Burgos) en días finales de setiembre de 2024

José María Viña



En un lugar de la vieja Hispania romana, conocido por el nombre de Buxētum > BUJEDO, topónimo que podría haber hecho alusión a que entre la vegetación que allí proliferaba era muy abundante el boj (Buxus sempervirens), un arbusto o arbolito siempre verde que crece en forma silvestre desde las islas británicas hasta la costa del mar Mediterráneo y del mar Caspio. Se utiliza como planta ornamental en jardinería; su madera, dura y densa, se emplea en ebanistería para tallas delicadas; también se utilizó como plancha de grabados e imprentas. De crecimiento muy lento, puede llegar a vivir 600 años, más de siete gene-

raciones humanas. En varias culturas se asocia a la idea de eternidad. Los autores clásicos la mencionan en sus textos, desde Homero a Horacio, Ovidio, Virgilio y Persio; también en sus Cartas Plinio el Joven: «...nam buxus, qua parte defenditur tectis, abunde viret: porque el boj, del lado que está protegido por los tejados, crece abundantemente». (Libro II, carta 17).

Hubo allí un monasterio conocido como Santa María de Bugedo —también se escribió así— con su iglesia románica, fundado en 1162 por doña Sancha de Frías... construido por monjes premostratenses cuya iglesia dedicada a San Norberto servía de pajar en el siglo XIX. En su entorno de entonces se cultivaban trigo blanquillo, cebada, centeno, avena, maíz y legumbres; se criaba ganado vacuno, lanar, cabrío y mular; se cazaban perdices y codornices, y se pescaban en los ríos Matapán y Oroncillo algunas truchas, pequeños barbos y cangrejos, anguilas a veces.

Alfonso VIII el Noble, rey de Castilla (1155-1214), que derrotó a los almohades en la batalla de las Navas de Tolosa, librada en 1212, patrocinó con su

protección al monasterio y lo dotó con abundante terreno en su dilatado reinado de 56 años.



Grabado de Gustave Doré h. 1862 (Biblioteca Digital de Castilla y León)

EL PASADO

Desde el 9 de marzo de 1891 aquella edificación en estado ruinoso se reacondicionó con el sostenido esfuerzo de los Hermanos de las Escuelas Cristianas, de la Congregación religiosa fundada por san Juan Bautista de la Salle (1651-1719), nacido en Reims y canónigo de su catedral desde sus 11 años de edad, con clara vocación de formación de maestros dedicados a la educación de niños desde 1679...



El día 22 de julio de 1891 ingresaban allí 53 jóvenes aspirantes, los primeros aspirantes a convertirse en

Hermanos. Al pasar un año, el número se incrementó hasta 85 acogidos entre aquellos muros, incluidos sus formadores. Después de ellos se educarían hasta cinco mil jóvenes a lo largo de todo un siglo, es decir, a una media de 50 ingresados anuales.

Aquel edificio se fue llenando de vida lasaliana que, con el paso del tiempo, incesante como el mar, hoy suma ya casi siglo y medio.



EL PRESENTE

En la actualidad Bujedo es un pequeño poblado que no llega a 200 habitantes estables y viven en medio centenar de viviendas, situado en la Autonomía española de Castilla y León, en un rincón de la provincia de Burgos, en el valle del río Ebro, a muy poca distancia de sus vecinas, La Rioja y el País Vasco o Euskadi.



Los últimos días del mes de setiembre volvimos a reunirnos allí unas 75 personas, hombres con o sin sus mujeres, algunas amigas y una niña. El de mayor edad, de 88 años, llegó y retornó conduciendo su coche cientos de kilómetros. Todos animados de espíritu lasaliano o lasallista, vinculados como estuvimos a su Congregación, algunos desde sus 11 o 16 años, otros exalumnos, profesores o simpatizantes, llegados de Burgos, Valladolid, Palencia, Madrid, Asturias y Portugal, en especial una cumplida docena de amigos procedentes de Barcelos, siempre tan próximos, cooperantes, atentos y amables, de los que mantienen viva la llama de la Historia, sobre todo generosos y fraternales, como buenos aprendices de los frères que los educaron

El futuro BUJEDO está llamado a ser Centro de convivencia lasaliana. «Su trayectoria se abre esperanzada hacia las aventuras del siglo XXI, cuando tantos jóvenes buscarán luz, y aquí, entre montañas, encontrarán paz, esperanza, amistad», escribe un excelente e inolvidable profesor en mi lejana juventud, el Hermano Pedro Chico (1999)



Arcas Reales e Bujedo – Encontro da amizade sem fronteiras

Su pervivente monasterio es un ámbito acogedor magnífico para convocar encuentros entre jóvenes o mayores, donde la reflexión serena ahonde en sus almas cristianas junto con la plegaria confiada y la convivencia sincera y fraternal, sobre todo en jornadas de la Semana Santa, de vacaciones trimestrales, más aún en verano, o en la Pascua, como ya se ha celebrado más de una vez, para retornar a nuestra

vida presurosa llenos de esperanza en la Resurrección.

Esa es, y seguirá viva mientras ellos vivan, la ilusión de tantos exbujedanos que tememos no poco la invasión de los fantasmas inversores en la apetitosa apropiación de espacios singulares, únicos como la que fue nuestra casa.

Reportagem de João Oliveira

No fim de semana de 27 a 29 de setembro de 2024, numa aventura dinamizada pela Associação dos Antigos Alunos de La Salle, um grupo de 13 fervorosos e convictos lassalistas fizeram-se à estrada para participarem em mais um encontro desta grande família na casa-mãe da Congregação na Península Ibérica, o “Monastério de Santa Maria de Bujedo”. Eis os elementos do grupo: José Carlos Ferreira, Maria de Lurdes Macedo, Avelino Garrido, Rosa Maria Silva, Carlos Borrego, Manuel Cortez, Valentim Almeida, os irmãos António Oliveira e João Oliveira, Albino Ramalho, Rosa Ramalho, Alberto Rego e Irmão Joaquim

1º Dia – Rumo ao Destino – “Monastério de Santa Maria de Bujedo”

Toda a logística desta aventura foi assumida pelo Presidente da Direção da Associação, José Carlos Ferreira. Foram respeitadas religiosamente as suas diretrizes e foi cumprido o plano previamente definido.

A viagem decorreu sem sobressaltos e, em amena cavaqueira, foi possível visitar peripécias, colegas e personagens do nosso passado lassalista.

Já em Valladolid, e na Residência La Salle de Arcas Reales Reales fomos recebidos de forma entusiasta pelo seu Diretor, Ir. Alberto Garcia Arteaga, que nos acolheu de braços abertos e nos franqueou as portas da “sua casa”.

Ainda antes do almoço pudemos visitar os Irmãos Pablo de Blas e Amâncio Tudanca Martinez, este com 96 anos e os dois já com um estado de saúde um pouco débil. Tivemos a companhia do Ir. Pedro Ozalla Fuente. Os três cruzaram-se connosco em algum momento, ou de alguma forma, em Abrantes ou em

Barcelos, e ficaram encantados por nos reverem e esse encantamento foi recíproco.

De seguida partilharmos os nossos farnéis no refeitório gentilmente cedido. Aqui tivemos o prazer de desfrutar da companhia do Ir. Pedro Ozalla, com a sua inseparável bandeira portuguesa. Também, por breves momentos, tivemos a visita do Ir. Eládio Ruiz, visitador auxiliar do Noroeste da Península, o que muito nos honrou. No momento foram proferidas palavras de agradecimento e boas vindas e foram-lhe oferecidos alguns exemplares do Boletim da nossa Associação, o que muito apreciou.

Após o almoço, já na companhia do Diretor, Ir. Alberto Arteaga, fizemos uma pequena visita ao refeitório onde almoçavam os Irmãos com mais autonomia, aos quais presenteamos com os melhores néctares das nossas vinhas, entregues pelas mãos do Ir. Joaquim, nosso companheiro de viagem e Assistente da Associação.

Depois destes momentos partimos para Bujedo. No percurso fizemos mais uma paragem técnica em Pancorbo, pequena localidade já próxima do nosso destino e situada nas terras da Província de Burgos e Comarca do Vale do Ebro. Retomado o caminho, aproximamo-nos da região de La Rioja transpondo uma verdadeira muralha rochosa dos Montes Obaneres, através do desfiladeiro de Pancorbo. Aí Napoleão terá perdido uma das suas batalhas.

Transposta esta barreira física chegamos ao nosso destino, o Mosteiro de Santa Maria de Bujedo, exemplo clássico da arquitetura premonstratense, fundado em 1168, por D. [Sancha Díaz de Frías](#). Depois de alterações arquitetónicas e de vários proprietários foi atribuída a sua posse aos Irmãos das Escolas Cristãs em 1892 tendo-se transformado na casa-mãe da congregação para a formação dos futuros Irmãos, os seguidores de S. João Batista de La Salle. Como refere a obra comemorativa do centenário da ação dos Irmãos de La Salle “BUJEDO 1892 – 1992 – CIEN AÑOS AL SERVICIO DE LA ESCUELA CRISTIANA”, esta nobre casa celebrou “ *cien años de historia y de vida. Cien años para la formación religiosa. Cien años de formación de maestros para España y para muchos otros países. Cien años de cultivo del proceso de maduración en la fe y el compromiso cristiano de millares de niños y jóvenes*”. Por esta casa passaram, no seu processo de formação, vários elementos que compunham a nossa comitiva, nomeadamente, Carlos Borrego, Ir. Joaquim Ferreira, Valentim Almeida, Alberto Rego, Avelino Garrido e Albino Ramalho. Para todos eles esta visita teve um significado redobrado.

Fomos recebidos calorosamente pelo Ir. David Cachazo que rapidamente deu as indicações quanto à distribuição dos nossos alojamentos. Um pouco mais tarde também tivemos o prazer de confraternizar com o Diretor da Instituição, Irmão César Ruíz Martín, nosso conhecido, enquanto ex-Diretor dos Colégios La Salle, em Barcelos, e de S. Caetano, em Braga.

Como habitualmente tivemos a companhia de um numeroso grupo de ex-alunos de La Salle, de Valladolid, liderados por Julio Valverde, que nos acompanhou durante estes dias. Esta partilha de momentos de convívio entre lassalistas portugueses e espanhóis permitiram cultivar e reafirmar os valores de La Salle. Entre alguns elementos dos dois grupos existiram, no seu passado, momentos de vida em comum. Nestas circunstâncias a saudade e a nostalgia estiveram sempre presentes e os valores da amizade e fraternidade ganharam outra dimensão e tudo isto se tornou visível na troca de abraços e conversas.

Durante o jantar imperaram os momentos de confraternização, foram distribuídos brindes de agradecimento entre os elementos do grupo de Valladolid e foi oferecido a todas as senhoras das duas comitivas, como lembrança, **uma caixa em forma de livro, produzido pela Teré a quem o grupo de Valladolid prestou um singela e bonita homenagem, assim como ao seu marido**. E por volta da uma da manhã caiu o silêncio neste imponente mosteiro e todos recolheram aos seus aposentos.

2º Dia – À descoberta do património da região de Bujedo (Cellorigo, Sajazarra e San Vicente de la Sonsierra)

Após a alvorada cada elemento do grupo procurou ocupar da melhor forma o tempo até à hora do pequeno almoço. Uns aventuraram-se pelos jardins e as zonas mais florestais do mosteiro apreciando os seus encantos e as suas fontes fazendo uma primeira visita ao cemitério, outros fazendo visitas aos diversos espaços interiores do mosteiro e os irmãos Oliveira (João e António) anteciparam a visita à Cruz que encimava uma pequena colina junto ao mosteiro e a partir da qual observaram o “Monastério de Santa Maria de Bujedo” na sua plenitude assim como a belíssima paisagem envolvente. Entretanto, foram surpreendidos por três balões de ar quente que sobrevoavam os montes.

Após o *desayuno*, o nosso grupo seguiu para Cellorigo onde se destaca a Igreja de San Millan. Esta localidade situa-se num abrupto território junto ao maciço da Peña Luenga que, pela sua situação estratégica, recebeu o nome de “Púlpito de la Rioja”, devido à sua excelente vista panorâmica de onde se dominam as terras de Tirón e Oja.

Seguiu-se o regresso ao mosteiro para nos juntarmos ao grupo de Valladolid. Com eles, no seu autocarro, iniciamos o percurso de visita turística cuja organização esteve, e bem, a seu cargo.

Assim, a primeira paragem fez-se em Sajazarra, um município da Espanha, na província e comunidade autónoma de La Rioja, que pertence à rede das “Aldeias mais bonitas de Espanha”..

Seguimos depois para o “Asador Ochavo”, situado na praça principal, para o já muito apetecido almoço. Aqui não faltou bom vinho, boa comida, e a boa disposição. Recuperadas as energias fizemo-nos de novo à estrada. Por entre os vinhedos dos afamados vinhos de La Rioja, avançamos a caminho da cidade de San Vicente de la Sonsierra, outro município da Espanha também na província e comunidade autónoma de La Rioja.

Na imponente Igreja de Santa Maria La Mayor pudemos apreciar o espetacular retábulo que nos foi explicado ao pormenor. Esta igreja paroquial começou a ser construída no princípio do século XVI dentro do recinto amuralhado do castelo. Construída em gótico tardio, a igreja tem nave única e cabeceira poligonal. O Retábulo Maior é de estilo maneirista, datado de 1560.

Terminada a visita, e já com o sol a esconder-se no horizonte, empreendemos a viagem de regresso à base de Bujedo. Rapidamente nos dirigimos ao refeitório para temperamos os estômagos e repor energias.

Terminada a refeição, e como aconteceu na noite anterior, deslocamo-nos para outro refeitório contíguo. Aqui foram partilhados alguns vinhos e sobremesas que foram consumidos enquanto se entrou no modo “casino” com a prática de vários jogos de mesa como cartas, bingo e... outras batotices.

Já com o galo quase a cantar, recolhemos aos nossos aposentos. Era tempo de repousar de tantas experiências e sensações e reganhar forças para o último dia desta aventura.

3º Dia – Eucaristia, despedida e regresso

Após mais um *desayuno*, pelas 10 horas, participamos na eucaristia, ponto mais solene desta nossa viagem. Esta foi celebrada na vetusta Igreja românico-gótica do “Monastério de Santa Maria de Bujedo”. Foi um momento de exaltação a Deus, de comunhão entre todos os que partilham os valores de S. João Batista de La Salle, de visitar os cânticos litúrgicos da nossa juventude, acompanhados com a sonoridade do órgão de tubos e a solene acústica da Igreja. Em suma, foi um momento brilhante de fé, de partilha, de amor fraternal e de renovação dos compromissos em La Salle.

Terminada a Santa Missa o nosso grupo reuniu-se para as fotografias de família, com a presença dos Irmãos César Ruíz Martín, Luís Lopez, Joaquim Calçada, David Cachazo e Theodoro.

Porque o tempo nos fugia, almoçamos de forma acelerada para iniciar o regresso, no entanto não saímos sem que antes fôssemos brindados com um emocionante cântico de despedida entoado pelos que ficavam. Foi um momento único e inspirador dos mais

nobres valores de la Salle, onde os abraços se cruzaram com algumas lágrimas... já de saudade..

Concluídas as despedidas empreendemos a viagem de retorno que decorreu com toda a segurança. Galgaram-se quilómetros, apreciamos a vasta e árida paisagem, este ano mais verde que o costume, até que uma pausa técnica no *Viaxeiro* surgiu para terminarmos o “farnel” que nos acompanhou.

Antes de reiniciar a viagem, o Presidente Honorário da Associação de Antigos Alunos de La Salle e Presidente da sua Assembleia Geral, Carlos Borrego, em seu nome pessoal e do Presidente da Direção, agradeceu a todos a presença e a partilha de momentos de amizade e boa disposição e, de uma forma muito especial, agradeceu a presença das esposas dos antigos alunos pela sua jovialidade e companheirismo.

Retomada a viagem, a fronteira foi transposta pelas 21h12, de Espanha, e rumamos a Braga, onde chegamos pelas 21h30 portuguesas.

Feitas as despedidas, já com alguma nostalgia do convívio lassalista, cada um, de coração e alma bem cheios, regressou a sua casa.

Termino esta crónica com dois apontamentos:

1. Em nome de todos pretendo agradecer aos Irmãos das comunidades de Arcas Reales e Bujedo todo o acolhimento e carinho manifestados. E ao grupo de Valladolid, liderado por Julio Valverde, agradecemos a camaradagem e amizade demonstradas e a excelente organização deste fim de semana e ao José Carlos Ferreira pelo seu empenho e capacidade de organização. Um bem-haja a todos.
2. Uma palavra de carinho para um nosso “caloiro” Manuel Cortez nestas andanças das viagens a Bujedo pela sua plena integração no grupo e pelo seu constante testemunho de satisfação e alegria por se ter deixado envolver nesta aventura. Recorrendo às suas palavras *“Agradeço a todos do coração pela partilha, amizade e paciência comigo neste meu batismo de Bujedo. Por mim foi uma experiência fantástica e inesquecível. Obrigado. Fiquem com Deus, Saudações lassalistas”*.

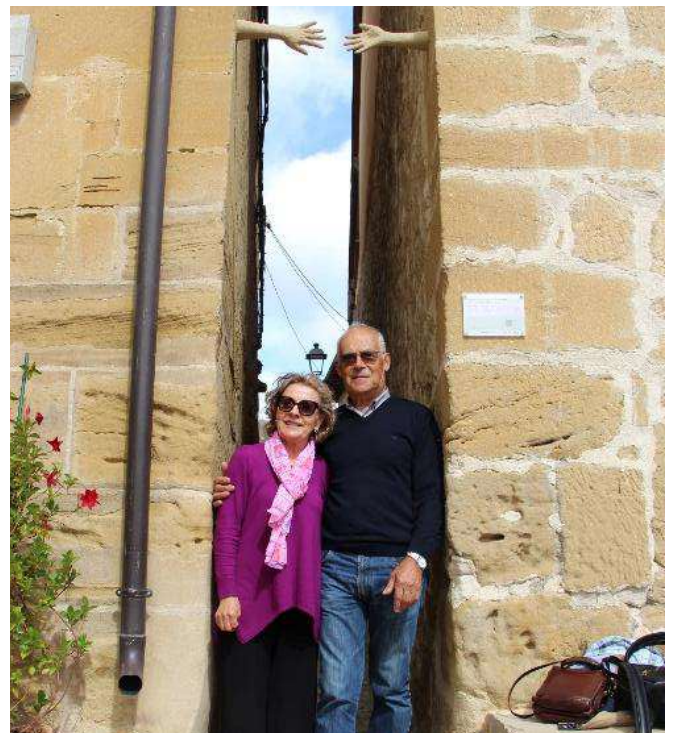
Parabéns a todos pela amizade e pela camaradagem demonstradas. A vida tem destas coisas. Vamos continuar a desfrutá-la.



Monumental retábulo da Igreja de Santa María la Mayor, de estilo maneirista, do ano de 1560.



Quatro antigos professores do Colégio de Abrantes, com o luso - castelhano Pedro Ozalla





Tanta historia juntos.



O Provincial Adjunto para o Noroeste Peninsular lassalista brindou-nos com uma visita. Recebeu um exemplar do nosso Boletim. Ir. Eladeo Ruiz.



Portugueses do Coração, todos juntos.

Um Dia Pela Vida da Liga Portuguesa Contra o Cancro Um projecto há 20 anos em Portugal

Por Albino Ramalho



Origem do Projecto.



Em Maio de 1985, o Dr. Gordon "Gordy" Klatt caminhou e correu durante 24 horas numa pista em Tacoma, Washington, para angariar dinheiro a favor da American Society na sua luta contra o maior problema de saúde do país: o cancro.

Amigos, familiares e pacientes, assistiram e apoiaram enquanto ele caminhava e corria mais de 83,6 milhas e arrecadava 27.000 dólares por meio de promessas para ajudar a salvar vidas do cancro. Assim, dum iniciativa individual em apoio da American Cancer Society, nasce o movimento Realy For Life (nome internacional) que logo se estende a vários países. Em Portugal, ligado também à Liga Portuguesa Contra o Cancro (LPCC) iniciou-se em 2005 em Coruche, tendo ao longo destes 20 anos percorrido 90 concelhos, entre os quais Viana do Castelo, entre Janeiro e Maio de 2010, de que o autor destas linhas teve o privilégio de ser um dos seus responsáveis.

Objectivos.

Mas não só de angariação de fundos para as diversas actividades da LPCC, com prioridade à cobertura nacional de campanhas de rastreio, se trata neste projecto. Outros objectivos não menos importantes nesta que se pretende também uma campanha de alerta colectiva contra uma doença que a todos ameaça e que a todos acaba por atingir de forma mais ou menos directa. Assim, a educação para a prevenção como forma eficaz para evitar a doença, o reforço da solidariedade no tecido social em torno de causas, como a do cancro, que a ninguém deve deixar indiferente, e a divulgação das actividades da LPCC constituem o núcleo de preocupações do Um Dia Pela Vida. De Norte a Sul do País nos concelhos onde já se realizou constituiu-se em verdadeira mola propulsora de vontades e acções de apoio ao trabalho da Liga e de sensibilização para formas de vida que contribuam para uma eficaz prevenção.

Pertinência do Projecto.

Se até há alguns anos um diagnóstico de cancro correspondia a uma sentença de morte, felizmente, hoje é cada vez menos assim. Graças à generosidade e eficiência de investigadores, profissionais de saúde e a uma crescente consciencialização do público para a prevenção, tem sido possível lidar melhor com a doença e reduzir a sua mortalidade.

Está estimado que, em função sobretudo do aumento da longevidade, um terço dos humanos vai ter um cancro até ao fim da vida e que dentro de 10 anos metade de nós teremos tido cancro. A ser assim, seja qual for a idade ou o sexo, é bem possível que, quando menos pensamos, ele nos bata à porta. Daí a pertinência deste projecto e a

necessidade dum grande envolvimento da comunidade. Ninguém pode ficar indiferente.

Modus operandi.

Tudo começa com a formação de uma equipa concelhia, a **Comissão Local**, responsável pelo projecto no concelho onde vai decorrer. Os interessados em participar organizam-se em equipas no mínimo de oito elementos, um dos quais será o chefe de equipa. Cada equipa elabora organiza e realiza actividades que contemplem em função dos objectivos do projecto, nomeadamente: angariação de fundos, educação para a prevenção e formas de vida saudável. As actividades das equipas são reportadas à Comissão Local para coordenação de agenda e articulação entre as mesmas, controle e contabilidade dos fundos recolhidos e seu encaminhamento para a LPCC.

Tipo de actividades.

As equipas locais, de acordo com as suas sensibilidades, criatividade e recursos, podem contribuir com diversas actividades: conferências, leilões, exposições, caminhadas, almoços saudáveis, jantares pela vida, desfiles de moda, folclore, noites de fado, folclore, saraus culturais, concertos, torneios desportivos são alguns exemplos.

Duração do Projecto.

Após o lançamento, as actividades decorrem durante três meses nas diferentes freguesias do concelho, de acordo com as equipas, entretanto constituídas, até à festa de encerramento segundo calendarização e coordenação da Comissão Local. Esta festa decorrerá ao longo do dia com actividades e espectáculos em local a definir. Encerra já noite dentro, com a simbólica cerimónia das Luminárias, em memória e homenagem a todos (familiares, amigos, companheiros, conhecidos) os que lutaram ou continuam a lutar contra a doença. Cada um dos presentes é convidado a adquirir uma luminária e, depois de um pequeno percurso em silêncio para o efeito assinalado, a colocá-la acesa encima duma longa

mesa, lembrando os falecidos vítimas de cancro. Nessa hora de recolhimento e reflexão, o espaço é unicamente iluminado pelo clarão das luminárias. Alguém intervém sobre o significado do momento.

Os 20 anos de Um Dia Pela Vida.

Para comemorar os 20 anos de existência do projecto em Portugal, a Liga Portuguesa Contra o Cancro desafia as equipas envolvidas, quando da realização no seu concelho, a assinalar como entenderem o acontecimento concelhio. Sugere-se uma actividade de âmbito municipal enquadrado nos objectivos do projecto, e que constitua momentos de reflexão e consciencialização na luta contra esta doença. As comemorações começaram já em 12 de Outubro, em Coruche, primeiro concelho a iniciar o Um Dia Pela Vida. Em Viana do Castelo, a efeméride será assinalada com um conferência no auditório da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do IPVC, no dia 29 de Março, pelo Prof. Doutor Diogo de Alpuim que falará sobre.....

Póvoa de Varzim foi o 90.º concelho do país da lista dos até agora contemplados, a encerrar 2024, e será também este concelho a realizar o evento final comemorativo dos 20 anos de Um Dia pela Vida em Portugal.

Ao longo destes 20 anos, fruto do trabalho e dedicação de muitas equipas e participantes nos eventos realizados nos concelhos por onde passou o projecto, em que o projecto decorreu, permitiu angariar um total superior a 5 milhões de euros que muito terão ajudado a Liga Portuguesa Contra o Cancro na sua nobre e solidária missão de busca da cura para esta doença e nos múltiplos apoios aos doentes oncológicos e suas famílias.



Ponto de Encontro. Página dos leitores

De Irmão Olavo Dalvit-Provincial do Brasil, Chile e Moçambique Sáb, 21/09/2024.

“Muito obrigado por compartilhar o boletim, Sr. Carlos. Nos alegra receber notícias e tão belas reflexões.

Que Deus lhes ilumine sempre a continuar semeando a boa nova do Evangelho através de vosso testemunho de vida”.

De Dom José Cordeiro, Arcebispo de Braga e Primázsa Espanhas, 18-02 24

“Muito bem-haja, estimado Carlos Borrego Pax!
Parabéns e felicidades.
Juntos, no caminho de Páscoa, para levar Jesus a todos.
Cordialmente grato”
+ José Cordeiro

De Dom Francisco José Senra Coelho, Arcebispo de Évora



“Estimados Irmãos, saudações cordiais e votos de Saúde, Paz e Bem!

Agradeço reconhecidamente o Boletim Ana La Salle nº 17, que tivestes a gentileza de

me endereçar. Muito obrigado!

Com os mais respeitosos cumprimentos imploro para a vossa prestigiada Associação e

para cada um de vós as mais abundantes bênçãos do Senhor!”

Nota: Dom Francisco Senra Coelho é natural de Barcelos. Esteve muitas vezes no Colégio La Salle de Barcelos onde celebrava a santa missa. É familiar de AA do Colégio.

De Carlos Mineiro Aires

“Obrigado por mais este Boletim e pela diversidade e riqueza de assuntos que aborda”.

Fico grato pelo esforço e dedicação daqueles que asseguram a sua periodicidade, porque nos ajudam a manter viva a chama e a ter notícias do seguimento da missão LaSallista.

Um abraço agradecido e até breve”

De Cesareo de Dios Cid

“Olá Carlos. Suponho que já estás de regresso das tuas bem merecidas férias.

Recebi o Boletim e como é habitual sempre melhora o anterior. Acheio mais dinâmico pela muitas notícias relacionadas com personagens lassalistas e o seu trabalho em pro da juventude e das instituições. É pena que nas fotos não se reflita o relevo generacional. Mas é o que temos. É admirável que aqueles que penteliam cabelos brancos continuem a não querer perder fole para que a chama lassalista continue a brilhar e semear valores num mundo alérgico a quase tudo aquilo que nos ensinaram. Parabéns Carlos por continuar a ser a alma disto tudo”.

De Júlio Valverde

Muchas gracias Carlos por la revista. Espero verte en unos días en Bujedo. Un abrazo.

De Irmão Estéban – Provincial La Salle da Península Ibérica-20 de Setembro-2024

“Muchas gracias, Carlos, por el envío de la revista, ahora en digital. Hace días ya me llegó en papel y contesté a la dirección de la revista. Me imagino que te llegaría a ti o a otra persona. Gracias por vuestro recuerdo siempre y por la cita de nuestras personas en el correo que hoy has enviado. Que sigas animado y entusiasta como siempre en esta preciosa misión. Un abrazo”.

De Irmão Estéban – dia 6 de Setembro de 2024

Un saludo, queridos amigos de la Asociación de Antiguos Alumnos de Portugal. Acabo de recibir vuestra revista y sigo llevándome la alegría de apreciar vuestra constancia y fidelidad. Veo que en este número, además, os hacéis eco con amplitud del testimonio de varios Hermanos cuya vida se encuentra muy ligada a la misión de Portugal. Muchas gracias por ello, y especialmente por los deseos que expresáis en la contraportada de cara a la misión que en estos días estoy iniciando. Os lo agradezco mucho.

En los últimos años he disfrutado pudiendo ir con cierta frecuencia a Barcelos o a Braga. Durante este próximo período las circunstancias me van a obligar a ir mucho menos, pero confío que pueda seguir acercándome.

Os deseo un felicísimo curso lleno de ilusión y de acierto en todo lo que emprendáis. Un abrazo.

De Manuel Augusto de Araújo

Estimado Carlos.

Como sempre, o BOLETIM continua a ser um meio/testemunho que nos informa, ensina, educa, alerta, anima e congrega em torno dos princípios, valores e práticas intemporais da doutrina LASSALISTA.

Abraço para ti e para todos.

De Associação de Antigos Alunos do Colégio De S. Caetano-Braga

Exmos.Senhores,

Agradecemos a oferta de “O Boletim – Aaa La Salle” e solicitamos autorização para publicar nas notícias do Site do Colégio de São Caetano o artigo do Dr. José Carlos e outras notícias referentes aos Irmãos de La Salle do Colégio de São Caetano.

Com os melhores cumprimentos.

O Presidente da Direção - Custódio Macedo Lima

Xosé M. Reboiras

Moitas grazas, Carlos, polo envío de O Boletim Unha aperta fraternal.

De Pedro Ozalla

Recebi o Boletim. Parabéns pola vossa informação.

Um forte abraço.

Breves notícias de AA lassalistas



- 50 anos de La Salle depois da retirada dos Irmãos do Colégio LaSalle de Abrantes (Verão de 1975).

- Antigos Alunos guardam e irradiam a alma lassalista.

RESILIENTES

No Verão de 1975 os Irmãos de La Salle retiraram-se de Abrantes.

Quais as razões dessa partida ainda hoje é uma questão sem resposta cabal.

São ventiladas e contundentes algumas versões, que não desconhecemos. Será sempre um ponto de interrogação. E não esquecemos que maristas e jesuítas permaneceram ao leme das suas instituições, que ainda hoje são bandeira no panorama do ensino e da educação em Portugal.

Mas os Antigos Alunos de La Salle de Abrantes não esqueceremos o legado lassalista e a memória dos servidores do melhor colégio de Portugal nas décadas de sessenta e setenta .

Em Assembleia Geral de todos os AA, celebraremos no dia 10 de Maio de 2025 e em Abrantes esta resiliência e o legado de La Salle. Estamos convocados.

- David Macedo, com pseudónimo de David Gilmar, publica o seu segundo livro.



“Ninho d’Águia”, o novo romance de David Gilmar, foi apresentado ao público no dia 11 de outubro, na Biblioteca Municipal de Barcelos, tendo como moderadora Mariana Carvalho e apresentadora Rosa Ângela Macedo.

Numa noite fria e chuvosa, convidativa para ficar em casa, foi gratificante ver um conjunto de amigos e amigas comparecer ao convite lançado pelo autor e pela Biblioteca. A sala estava composta. A Associação de antigos alunos de La Salle fez-se representar pelo seu presidente, José Carlos Ferreira, e outros elementos da direção.

Rosa Ângela Macedo começou por agradecer o imenso trabalho desenvolvido pelas funcionárias da Biblioteca Municipal de Barcelos e pelo Pelouro da Cultura, na pessoa da dra. Elisa Braga. Seguidamente apresentou o autor e, depois, o grupo musical “Trovas e Cantigas”, composto pelo Jorginho, pelo Carlos e

pelo Mário animaram o evento com belíssimas peças musicais.

Seguiu-se uma conversa entre a moderadora e o autor sobre o livro "Ninho d'Águia". O evento terminou com mais um número musical e os respetivos autógrafos. O livro está à venda online na Fnac, Bertrand, Wook e Cordel d'Pata.

Eng. Carlos Mineiro Aires.

- Medalha de Ouro da Ordem dos Engenheiros em 12-09-2024.



Carlos Mineiro Aires, entre o Ministro Miguel Pinto Luz e o Bastonário da OE, Fernando de Almeida Santos



"ATRIBUIÇÃO DA MEDALHA DE OURO DA ORDEM DOS ENGENHEIROS (OE).

No dia 12 de setembro, na Gala "Prémios Nacionais Ordem dos Engenheiros", recebi a Medalha de Ouro da OE, entregue pelo Ministro das

Infraestruturas e Habitação, Eng. Miguel Pinto Luz, e pelo meu Bastonário, Eng. Fernando de Almeida Santos. Fico grato! "- Carlos Mineiro Aires"

Carlos Mineiro Aires entre o Ministro Eng. Pinto Luz e o Bastonário da OE, Eng. Fernando de Almeida Santos

Breve curriculum

Carlos Mineiro Aires é natural de Abrantes, embora se sinta do Tramagal.

Completo o ensino liceal no Colégio La La Salle de Abrantes em 1969. Coursou Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico de Lisboa.

Já na vida profissional exerceu funções de Técnico e Director do Gabinete de Saneamento Básico da Costa do Estoril.

Foi Presidente (1999-2002) e vice-presidente (1994-1999) do Instituto da Água (INAG);

Foi Presidente do Conselho de Administração da SIMTEJO, Grupo AdP (2002-2003);

Seguiu-se o cargo de Presidente do Conselho de Adm. do Metropolitano de Lisboa.

Foi Presidente da Comissão Executiva da SIMARSUL, do grupo Águas de Portugal.

Foi eleito Presidente da Região Sul da Ordem dos Engenheiros em dois mandatos (2012 a 2016).

Foi eleito Bastonário da Ordem dos Engenheiros também em dois mandatos (2016 a 2022).

É Presidente da Mesa da Assembleia de Representantes da Ordem dos Engenheiros (OE) e recandidato para o mandato 2024/2026

Foi membro do Conselho Económico e Social e do Conselho Económico e Social Europeu (2020 a 2025).

Foi Presidente do Conselho Superior de Obras Públicas desde 1 julho 2022, cargo a que renunciou em 1 Setembro de 2024

Foi Presidente da Comissão de Acompanhamento dos trabalhos da Comissão Técnica Independente sobre a localização do novo aeroporto da Região de Lisboa (30/9/2022 a 31/3/2024)

Atualmente é Administrador Executivo indigitado da Fundação da Construção que está em fase de reconhecimento legal.

Mais uma vez os AA de La Salle se sentem orgulhosos com o mérito profissional e humano do nosso Colega e sempre amigo Carlos Mineiro Aires, que vem assumindo também a gestão da nossa Associação, como Presidente do Conselho Fiscal.

Falecimento de Manuel Messias da Silva e Sá.

Tivemos notícia do falecimento do nosso colega lassalista Manuel Messias e Sá. Ter-nos-á deixado no mês de Março do corrente ano de 2024.

Destacamos alguns dados biográficos:

- Nasceu na freguesia de Carapeços, do concelho de Barcelos, no ano de 1942.

-Ingressou no Colégio Missionário La Salle de Barcelos em 1954 e prosseguiu a sua formação religiosa e académica em Leiria e em Santa Maria de Bujedo, Burgos, Espanha, até ao ano de 1962. Exerceu professorado no Colégio La Salle de Santiago de Compostela, na Galiza.

-Pelos fins da década de 60 deixou a Congregação de La Salle e fixou-se em Lisboa, em cuja Universidade se formou em Engenharia Química, com o grau de licenciatura.

-Cumprido o serviço militar empreendeu a actividade empresarial no ramo da indústria/comércio de sistemas hospitalares, com grande sucesso.

Já na última década da sua vida retomou amizades com antigos colegas de La Salle, e esteve presente em encontros de AA Lassalistas, em Abrantes.

Recordamo-nos para sempre do seu percurso escolar brilhante, das suas performances desportivas, do seu sentido empreendedor e, sobretudo, do seu companheirismo e amizade.

Um abraço para sempre, Manuel Messias.

Escreve esta breve notícia Carlos Borrego, companheiro de percurso e de turma e de *tanda* de 1954 até 1962, e de muitas confidências de alegrias e de tristezas.



A alma enorme de Irmãos Lassalistas e Irmãos Maristas no Líbano em guerra.

Texto para los antiguos alumnos
5 de diciembre de 2024

Buenas tardes queridos antiguos alumnos del Colegio La Salle de Barcelos. Soy el Hermano Guillermo Moreno y en estos momentos me encuentro en Líbano, en el Proyecto Fratelli. Hace una semana estuve en España y Portugal visitando a familia y amigos y tuve la gran oportunidad de reencontrarme con mucha gente querida en Barcelos. Yo viví 9 años en Portugal y fue una de las etapas más bonitas e intensas de mi vida como Hermano. A raíz de esos encuentros surgió la idea de escribir estas sencillas líneas sobre lo que estoy viviendo actualmente.

El Proyecto Fratelli se creó hace 9 años por el deseo conjunto de dos Congregaciones Religiosas, los Hermanos de La Salle y los Hermanos Maristas. Queríamos abrir una obra en un lugar de frontera para atender a los más vulnerables y por eso vinimos a Líbano que en aquellos momentos estaba recibiendo a más de un millón de sirios refugiados de la guerra. Desde entonces el proyecto ha crecido y evolucionado atendiendo a unas 1.300 personas cada semana en veinte programas socioeducativos. Programas de alfabetización, deportivos, de formación profesional y de apoyo psicosocial.

Pero todo esto cambió el día 23 de septiembre cuando vino la guerra con cientos de bombas a nuestro alrededor y tuvimos que paralizarlo todo. Fueron días muy complicados pero la comunidad decidimos quedarnos aquí al lado de la gente para poder ayudarles. A partir de ese momento activamos un plan de emergencia porque hay más de 100.000 desplazados en nuestra zona que no tienen los recursos mínimos para vivir. Han sido dos meses muy intensos y ahora con el cese de los ataques sentimos que poco a poco la esperanza gana espacio y seguimos rezando por la paz ya que en estos días se está

complicando la situación en nuestro país vecino Siria.

Como lasalianos esparcidos por el mundo, siempre intentamos ser personas de Dios que viven en comunidad compartiendo lo que son y tienen con la gente, especialmente sensibles a los niños y jóvenes que viven en dificultad. Os animo a los lasalianos de Barcelos a promover ese espíritu solidario y fraterno entre la gente que os rodea.

Gracias

Guillermo Moreno.

